

VELHAS CASAS

VII

(FREGUESIA DE PENSELO)

Casa da Aveleira

Pedro Colaço e sua mulher demandam o Cabido de Santa Maria de Guimarães sobre uns «herdamentos»: — a Aveleira, um moinho, um souto. Mostram cartas a dizer serem seus «ende mim Dom Diniz pella graça de Deos Rei de Portugal e do Algarve». Trazem os do Cabido um instrumento, feito num tabelião de Freitas¹: a desistência de Pedro Colaço e «sa mulher» de «toda a pocissam que haviam em o dito herdamento». Escuta El-Rei «as muitas Rezoins de hua parte e da outra», vê os documentos, reúne o Conselho. As cartas são anteriores à renúncia; ganha o Cabido.

Pedro Colaço, inconformado, «agrava para minha corte». Prova-se que «apelou mal», confirma-se o primeiro Juízo. Condenados em 56 soldos de custas, vende o juiz de Freitas os seus bens móveis para o Cabido «ser pagado». Não chega o dinheiro? «Constrangão pella raiz hunde al nam fassa se nom peitar me ha quinhentos soldos». «Dante em Guimarães postumeiro dia de Julho, El Rei o mandou por Martim Peres Chantre de Évora Ouvidor deste feito Durão Peres o fez Era de mil e tresentos e trinta annos». Pende o selo no documento original². Assim entrevemos este casal nos remotos tempos do Rei Lavrador: Pedro Colaço e sua mulher, os Senhores do Cabido, os juizes, El-Rei, a terra da Aveleira coberta pela neblina do tempo, um moinho movido pelas águas claras do Selho a correr

¹ Freitas é hoje uma povoação do Concelho de Fafe; a' é 1853 pertenceu a Guimarães.

² «Sn^a sobre o cal da Avelleira muinho e souto», a 31-7 da era de 1330, no Tomo I (1721) das «Sentenças da Fazenda do Cabido da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães», p. 106 v^o «Arg. Mun. A. Pimenta», Guimarães (A-3 3-8).

entre as pedras, o barulho seco dos ouriços a caírem, pesados, dos castanheiros a dançarem ao vento.

Cento e trinta e três anos mais tarde são outros os senhores da Aveleira. Empraza-a o Cabido «no ano da era do nascim.^{to} de nosso Senhor Salvador Hju Xpo de mill e quatr^ocentos e bynte e cmq^o», a 27 de Fevereiro, no coro da Igreja de Santa Maria, perante Nicolau de Freitas, tabellian d'el Rey do Paço», a Gonçalo Afonso de Cem e sua mulher Senhorinha Vasques, pela renda de treze maravedis antigos e duas galinhas³. Também podemos ver arcos góticos a surgirem da pedra, a Capela de Nossa Senhora das Neves, ou Formosa, no Convento de São Domingos de Guimarães, pegada à Capela-Mor do lado da Epístola, instituída por Gonçalo Afonso e por ele «dotada com a fazenda que o convento possui com a pensão de sesenta missas»⁴. Leonor Afonso de Cem, provavelmente sua filha, é mulher de Pedro Álvares de Faria⁵, «e na sua quinta vivem».

³ «Emprazamento em três vidas do Casal da Aveleira, freguesia de San Hoane de Pensello feito pelo Cabido a Gonçallo Afonso, do mesmo lugar e mulher Senhorinha Vasques com a renda de 13 maravedis de moeda antiga e um par de gallinhas. Feito no Coro da Igreja de Santa Maria a 27 de fevereiro do anno de 1425 pelo tabelião Nicolaa de Freitas, Nota Antiga, Livro 4, f 6 v^o», in *Revista de Guimarães*, vol. XXVIII, n.º 1 — Janeiro 1910, p. 19. O documento original (pergamimho) está no Livro 4 da Nota Antiga dos Tabeliães da Colegiada, no «Arq. Mun. A. Pimenta» (4-3-3).

⁴ *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, p. 103. Em 1692 ainda esta capela estava na posse de seus descendentes, os Farias Almotacés-Mores; v. *Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, p. 336.

⁵ Felgueiras Gayo no *Nobiliário*, vol. XIII, Farias & 3 N 5 dá por mulher de Pedro Alvares de Faria a Catarina Alvares de Almada, v^a, f^a de Pedro Alvares de Almada, inst^o do Morg^o da Azenha, o que cronologicamente não é possível, como de resto já se diz nos *Subsidios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas*, de Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio, p. 140. Aí é citada como sua mulher Leonor Afonso de Ocem, cópia do que se lê nas *Ninharias* de José de Azevedo e Menezes, tábua genealógica XLVI, N.º 12, Farias, Almotacés-Mores. O Abade de Tagilde, no seu manuscrito existente na Sociedade Martins Sarmento, *Guimarães — Aponhamentos para a sua História*, ao tratar da freg^a de Pensello e da q^{ta} da Aveleira dá a Leonor Afonso de Cem, f^a do instituidor da Capela de Nossa Senhora das Neves como m^{er} de Pedro Alvares de Faria, e moradora na Aveleira. Como esta capela se manteve na descendencia de Pedro Alvares de Faria, não tenho duvidas que sua m^{er} foi realmente Leonor Afonso.

Gayo diz também que Pedro Alvares de Faria parece ser «o que na era de 1570 obrou prodigios de valor no cerco q^{ue} Hide Leão poz a Goa

Lemos em todos os nobiliários a ascendência de Pedro Álvares de Faria «o de Pensello por viver em hum lugar deste nome»⁶. Dizem-no terceiro neto, por legítima varonia, de Nuno Gonçalves, o Alcaide do Castelo de Faria, neto e bisneto de combatentes em Aljubarrota; mostram a sua parentela em Toro, em Azamor, na Índia, nas crónicas reais, em muitos feitos⁷. Pedro Álvares de Faria, «homem muito honrado e de boa casta, dos mais honrados desta villa naquelle tempo»⁸, e sua mulher Leonor Afonso de Cem, têm um filho: João Álvares, de Pencêlo, Juiz em Guimarães, casado com Brites Afonso⁹, «de

governando D. Luiz de Athaide». Não foi; pois nesta data já não existia há muito.

⁶ «*Peçadura Lusitana*», vol. VI, tomo 2.º, p. 213. «...o do Pincelo por viver na freguesia deste nome, termo de Guimarães, na sua quinta da Aveleira...» (*Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados*, de Faria Machado, p. 140), «...foi chamado o de Penzello por viver na freg.ª assim chamada no tr.º de Guimarães na sua q.ª da Aveleira...» (Gayo, «*Nobiliário*», vol. XIII, Farias, & 3).

⁷ João Alvares de Faria, seu avô, esteve em Aljubarrota, assim como o bisavô, Álvaro Gonçalves de Faria, este citado na *Chronica Del Rey D. Juam I* de Fernão Lopes, II Parte, Cap. 39, p. 97, na ed. de 1614; in *Ninharias*, p. 194. Um neto de João Alvares de Faria, Lourenço de Faria, distinguiu-se em Toro, o mesmo sucedendo a vários de seus descendentes em outras batalhas e feitos.

⁸ Inquirição para admissão na Universidade de Salamanca de Baltazar de Faria, seu bisneto, a 17.5.1535, in *Baltazar de Faria, embaixador em Roma de D. João III*, pelo P.º Armando de Jesus Marques, separata da *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVI. Testemunho do bacharel Jerónimo Alvares que o conheceu, p. 13.

⁹ Testemunho de Bartolomeu Afonso, mercador, morador em Guimarães, in obra citada na nota 8, p. 17. Sobre a m.er de João Álvares diz Gayo, no *Nobiliário*, vol. XIII, Farias & 3: «...D. Joana Coelho f.ª de Nicolau Coelho, cap. de Mar e Guerra no descobrimento da India, e de sua m.er Brites Rz de Ataide, como diz José Freire Monterroyo (em mano escripto antigo vi cazar João Alz de Faria com Beatriz Alz nunca achei tal casamento)». O escripto, entre parêntesis, é em letra diferente no original. Nos *Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados*, o nome da m.er de João Álvares de Faria não é mencionado, mas diz-se ter sido pouco provável o seu casamento com D. Joana Coelho. Na Tábua XLVI das *Ninharias*, Azevedo e Menezes põem como hipótese: «D. Joana Coelho ou Brites Alvares». Pela Inquirição de seu neto, e pelo testemunho acima, vemos que a mulher de João Álvares de Faria foi Brites Afonso.

D. Joana Coelho era sobrinha, filha de uma sua irmã (e não filha, como trazem alguns nobiliários) de Nicolau Coelho, F. C. A (C de 20.5.1503, in *A carta de Brazão de Armas de Nicolau Coelho*, pelo Marquês de São Payo, *Armas e Troféus*, Tomo III, n.º 2), comandante da nau

muito boa casta, damballas partes, de gente nobre», dos «principaes e honrados de Pensello — que he das muy nobres e principais (familias) do reyno»¹⁰.

Destacam-se os filhos de João Álvares: Nicolau de Faria, João de Faria, Pero Álvares de Faria, Antão Ribeiro e Gonçalo de Faria, todos creados do Rei «cavalleyros e pessoas de que se el Rey encarregava e o serviam em cousas de muita importancia»¹¹. Do mais velho, Nicolau de Faria, Contador da Guarda,

«Berrio» na descoberta da Índia, companheiro de Cabral na descoberta do Brasil e morto num naufrágio no regresso da sua 3.^a viagem à Índia. D. Joana Coelho foi mulher do Dr. João de Faria (nota 17), v. *Pedatura Lusitana*, vol. VI, Tomo II, p. 215.

¹⁰ Nota 8. As inquirições sobre a ascendência do Dr. Baltazar de Faria não vão além de seu bisavô, Pedro Alvares de Faria, dizendo-o pessoa nobre e principal. Ao falarmos de seus antepassados, à falta de outras fontes, citamos os nobiliários. Acerca do pleito que houve, sobre a origem de Nuno Gonçalves, entre Azevedo e Menezes e Braamcamp Freire V. *Nuno Gonçalves, Alcaide de Faria*, por Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, in *Armas e Troféus*, vol. IV, n.º 3, e a *Introdução aos Brasões da Sala de Sintra*, de Anselmo Braamcamp Freire, por Luís de Bivar Guerra, págs. XXVII a XXX.

¹¹ São estes os filhos de João Alvares de Faria que conheceu João Vieira, Cavaleiro da Casa do Duque de Bragança. Outra testemunha: Diogo Lopes de Lima, Alcaide-Mor da vila de Guimarães, fala também numa filha: «hũa tia delle Baltasar de Faria, irmaa de seu pay Nicolao de Faria lho criara seu filho Dom Antonio de Lima...», in livro citado na nota 8.

Com Nicolau de Faria seguimos o texto. De Pedro e Antão não temos noticias, não sendo difficil imaginá-los nas Armadas e outros serviços. Sobre João de Faria, o segundo irmão, muito há para esclarecer. Confunde-o Gayo, no vol. XIII do *Nobiliário*, Farias, & 133 com o Dr. João de Faria, Embaixador em Roma (nota 17); logo adiante, no & 191, diz que foi Juiz de Orfãos em Guimarães e casado com uma f.^a do inst.^o do Morgadio da Rua Escura, c. g., o que ainda não averigui. Quanto a Gonçalo de Faria, citamo-lo na 2.^a parte.

Embora o testemunho de Diogo Lopes de Lima, só refira uma filha, parece terem sido duas: Briolanja de Faria e Brites de Faria. Casou a primeira com um f.^o de João Ribeiro, o Gollas, (v. quadro genealógico da Casa da Covilhã, *Velhas Casas II*) e tiv. muita geração: os da Casa de Torrados, Padroeiros do Convento de Santa Clara em Guimarães (v. Casa do Costeado *Velhas Casas III*), os Farias de Cabeçudos os Farias Beça, os Azeredos descendentes de Cristóvão de Azeredo e Vale e m. er D. Branca Coelho de Faria (v. quadro genealógico dos Azeredos in Quinta do Paço, *Velhas Casas IV*), os Brandões, crs. da Torre da Marca, no Porto (v. Casa dos Pombais a que chamam Granjas, *Velhas Casas IV*), os srs. da Bagueira e Hortas etc., etc. Brites de Faria foi mulher de Francisco Novais de

«homem de muito preço», cavaleiro de Cristo, «com abyto lançado por El-Rei sendo elle bem mancebo»¹², estribeiro-menor do Rei D. Manuel, colhemos na História o colorido e o movimento das suas andanças.

A faiscar, a brilhar, parte a embaixada que El-Rei D. Manuel manda ao Papa Leão X. Envia o Rei português a Sua Santidade os mais sumptuosos presentes: ornamentos para o altar, «preciosas vestiduras» para os officios divinos. Bordados a pérolas, tecidos a ouro, cravejados de rubis, mostram toda a magnificência dum Rei «que ao mundo deu novos mundos», a deslumbrar um Papa, um Médicis, patrono das Artes e das Letras. Como embaixador extraordinário vai Tristão da Cunha, o descobridor da Ilha de seu nome, gasto no comando das naus da Índia, em gloriosas batalhas e pelejas. Por mar, leva um séquito de mais de 140 pessoas, os presentes e alguns animais vindos de terras distantes. Saem de Lisboa a 14-1-1514.

Desde o desembarque até Roma, enchem-se os caminhos para os ver passar. A gente pasma, gesticula, admira a inédita procissão. Entram na Cidade Eterna a 12 de Março. À frente, um soberbo cavalo persa, em cada músculo a beleza e a garra da sua raça; traz à garupa, impávida, olhar muito longe da multidão que a cerca, uma «onça de caça»¹³, oferta do Rei de Ormuz, guardada por um caçador do mesmo Reino; atrás, enorme, fazendo tremer a terra, um elefante, bicho nunca visto naquelas paragens. Dele cuida Nicolau de Faria, estribeiro-menor d'el Rei.

Ensina-o bem¹⁴ «Chegando ao castelo onde estava o papa, fez Nicolau de Faria ao alifante fazer tantos jogos e tanta

Araújo e também teve muita descendência: Pedro Novais de Faria fal em Penselo a 31.5.1624 (M 1), c. c. Ana de Carvalho, e que em 1.^{as} núpcias o tinha sido com Florentina Coelho, (Inq de seu neto o Cônego António de Faria em 1668), os Barros de Faria e Castro, das Casas da Mogada e Laranjais, Vasconcelos Monteiros, da Azurara, e Vasconcelos Sousa Castro Melo, os Condes de Vila Pouca, Viscondes de Peso da Régua, Marquezes de Lindoso, Condes de Vila Real, Condes da Lapa e de Sobral, Azevedo e Menezes da Casa de Vinhal, srs. da Casa de Val-Melhorado, em Felgueiras, a descendência de Amador Pires, da Casa da Caravela, em Pombeiro, etc., etc.

¹² Nota 8. Testemunho de João Vieira, cavaleiro do Duque de Bragança, p. 14.

¹³ Era originária de Ormuz, género «Felis Leopardus uncia».

¹⁴ Carta de Nicolau de Faria a el-Rei (ver Apêndice I).

augua que ali estava prestes a borrifar todos e fazer Reverencia e dar berros que estrogio e espantou papa e cardeais, e o papa mais risonhoso que um minino...»¹⁵.

Entregam-se ao Sumo Pontífice no meio das maiores festas, as ofertas de Portugal, as primeiras dádivas do Império Português a nascer em todos os cantos do mundo, já reconhecido por Inocêncio VIII, quando da embaixada de 1485. Pede El-Rei D. Manuel a continuação do interrompido Concílio de Latrão, uma vigilância mais apertada sobre os costumes do clero e num alarde de fogo religioso a ajuda papal para nova campanha contra os turcos¹⁶. E dá. Dá os seus homens, a sua raça, as suas riquezas, tudo. Tudo, para a dilatação do sonho português, tão grande e já verdadeiro.

Ao reino voltam Tristão da Cunha e seu séquito. Em Roma fica um notável jurisconsulto, João de Faria¹⁷, embaixador

¹⁵ Carta do Dr. João de Faria (nota 17) para El-Rei D. Manuel, in *História de Portugal*, ed. monumental, direcção literária do Prof. Dr. Damião Peres, vol. III, p. 234.

¹⁶ V. *Le Portugal et Le Saint Siège*, do Marquês Mac Sweney de Mashanaglass, «chambellan intime de Sa Sainteté», Paris, 1898, 1899 e 1904. Divide-se esta obra em três tomos, toda documentada no Arq. do Vaticano: «Les langues bénites envoyés par les Papes aux Princes Royaux de Portugal», «Les roses d'or envoyés par les Papes aux Rois de Portugal» e «Les épices d'honneur envoyés par les Papes aux Rois de Portugal». Analisada numa carta do Embaixador Eduardo Brasão para o Embaixador António de Faria, que teve a grande amabilidade de me comunicar e, depois de ler, mandar-me muitos elementos cheios de interesse, dando uma visão perfeita da época.

¹⁷ Nosso primeiro embaixador permanente em Roma de 1512 a 1514, fez também parte da embaixada de Tristão da Cunha; em 1522 figura novamente como embaixador em Roma. Durante o reinado de D. João III exerceu o mesmo cargo junto a Carlos V. Chanceler Mor do Reino (1527), Com.or de S. Salvador de Travanca na O. de Cristo, notável jurisconsulto, doutor em leis e cânones, não nos dizem os nobiliários de quem era filho, nem a terra da sua naturalidade. Casou com D. Joana Coelho, (nota 9), tiveram seus filhos os cargos de Chanceler-Mor e as Comendas de Travanca, Pombeiro, Azurara, e Carrazedo. Hoje só existe descendência de sua filha D. Catarina de Faria, m.eir de Francisco de Mello, 9.º Sr. de Melo, actualmente representados por Fernando de Sousa Botelho de Albuquerque, filho primogénito do falecido 3.º Conde de Mangualde, Francisco de Sousa Botelho e Albuquerque, Conde de Melo e de Vila Real, Sr. do Palácio de Mateus.

Primeiro dos quatro embaixadores de apelido Faria, que ao longo dos séculos foram nomeados para a Santa Sé, por desconhecer a sua origem nada posso adiantar sobre esta matéria. Gayo diz, em Farias & 133,

junto à Santa Sé desde 1512. Louva-o Tristão da Cunha em carta para o Rei: — «Senhor, eu vos certifico que Vós tendes um tal amigo em João de Faria que eu nem nenhum outro faz

que era filho de João Alvares de Faria, de Pencelo (nota 11), o que não é confirmado por nenhum outro nobilário. «Não se sabe de q.m foi filho», lê-se na *Pedatura*, vol. VI, tomo II, p. 215. Em Salamanca, onde possivelmente se licenciou, os expedientes de ingresso aos Colégios começam muito mais tarde (Inf. do P.^o Armando Marques); com a falta de elementos a pesquisa nos Processos da Gênera, em Braga, torna-se muito difícil pois mesmo encontrando um João de Faria, nada prova que seja o que nos interessa. Com o segundo embaixador Faria, o Dr. Baltazar de Faria, seguimos o texto. Passados muitos anos aparece o terceiro: o Dr. José de Faria, Cav.^o Prof. na O. de Cristo, F. C. R., Dez. or da Casa da Suplicação, Cons.^o do Conselho Ultramarino e do Cons. da Fazenda. Env. extr.^a em Inglaterra, depois em Madrid. Nomeado embaixador na Curia Romana não chegou a exercer o cargo por D. Pedro II o ter escolhido para seu secretário da Assinatura, sendo depois Secretário de Estado Cronista-Mor do Reino e Guarda-Mor da Torre do Tombo (1695), deixou várias obras genealógicas. Fal. em Lisboa a 15.9.1703 (*Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado). Era neto paterno de Manuel Gil, de Esposende, e de sua m.er Catarina de Faria, 3.^a neta, por linhas femininas, de Vasco Afonso de Faria, irmão de Pedro Alvares de Faria, o de Pencelo (in *Subsídios para a genealogia dos Farias Machados*, p. 118). 4.^o Embaixador Faria junto à Santa Sé foi o Dr. António Leite de Faria, n. em G. es a 23.3.1904, Lic. do em Direito (U. L.), adido de legação, na secretaria portuguesa da Sociedade das Nações, Diplomata de Carreira (1926), segundo secretário de embaixada: Rio de Janeiro (1931), Paris (1933), Bruxelas (1934), 1.^o secretário em Londres (1935), Cons. de legação na mesma embaixada (1939), Ministro Plenipotenciário de 1.^a classe junto aos Governos Holandes, Norueguês e Polaco (1945), Director Geral dos Negócios Políticos e Administração Interna exercendo funções de Secretário Geral (1947), Embaixador no Rio de Janeiro (1950), na NATO (1958), em Paris (1959), na Santa Sé (dec. de 15.4.1961), (sendo também acreditado como Ministro Plen. junto à O. de Malta), e Londres (1968) onde esteve até 31.10.1973, em missão extraordinária de serviço público. Chefiou várias missões e embaixadas extraordinárias. Grã-Cruz da O. de Cristo, da Real O. de Victória, na Grã-Bretanha, da O. Piana da Santa Sé, O. do Cruzeiro do Sul e Nacional de Mérito, do Brasil, O. de Orange-Nassau, dos Países-Baixos, O. de S.^{to} Olavo, da Noruega, O. de Ouissan Alacuite, de Marrocos O. Al Mérito, do Peru, Graça Magistral da O. Soberana e Militar de Malta, Pro merito militens da mesma o.; Grande oficial da Legão de Honra de França; Com. or da O. da Coroa, de Itália; Of. da O. da Coroa do Carvalho, do Luxemburgo; Cav. da O. de Leopoldo I e da O. da Coroa, da Bélgica, da O. da Estrela da Roménia; med. com da coroação de S. M. o Rei Jorge VI da Grã-Bretanha. O Dr. António de Faria é, como provo por documentos, 10.^o neto, sempre por linha legítima e com várias quebras de varonia, de Gonçalo Pires, o Novo, e de sua m.er Margarida de Faria, do Casal do

para as vosas coisas nemhua mingoa e eu não fui necessário para nenhuma coisa ainda que pera iso me convidasse»¹⁸.

Serve bem os desejos de seu Rei: a Rosa de Oiro, a Espada de Honra e o Chapéu Ducal, oferecidos pelo Papa a D. Manuel, os risos alegres de pequenos Infantes apagados pelas honrosas e pesadas vestes cardinalícias, a glória do Padroado Português sobre todas as igrejas e benefícios eclesiásticos nos imensos territórios, desde os Cabos Bojador e Não até às Índias e outras possessões de além-mar, pondo-as todas na Ordem de Cristo¹⁹. Tangem os sinos na pequena terra portuguesa. Repicam com a mesma alegria, por África, pela Ásia, pelo Brasil...

Em 1535, Baltazar de Faria, filho de Nicolau de Faria, pretende entrar para o Colégio «do ilustrissimo senhor arcebispo de Toledo na Universidade de Salamanca». «Para estar em elle», é necessário saber «de que geraçam vem, se sabem que seu pay e avoos não são nem descendem de geraçam de judeus nem mouros nem reconciliados». Vem os inquiridores a Guimarães, donde é natural Baltazar de Faria. Guiados pelo «*Baltazar de Faria, embaixador em Roma de D. João III*»²⁰, vamos acompanhá-los. Corremos as ruelas, falamos com fidalgos, com

Asento, S. Salvador do Pinheiro, que tiv. pelo menos dois filhos: Isabel de Faria, bap. em 1570, afilhada do alcaide da vila de G. es e de sua tia mat. Violante de Faria, e que a 24.2.1591 casou c. Sebastião Gonçalves (9.^{os} avós do Dr. António de Faria) e Manuel de Faria, bapt. a 11.2.1579, afilhado de Cristovão de Azeredo, Tab. e de Catarina Alvares de Faria, genro e filha de Salvador de Faria, Tab. em Guimarães, f.^o de Brionja de Faria, e marido (p. 27 e nota 11). A 24.3.1602 Manuel de Faria, arrenda, por um ano, os frutos e rendas que Nuno Alvares de Faria (nota 32) tem na Igreja de Salvador de Pinheiro, conforme uma procuração do irmão deste último, Nicolau de Faria, almotacé-mor do Reino. As testas são João do Vale e Francisco de Faria, netos do Salvador de Faria (acima) e Bartolomeu de Faria, sobrinho do mesmo (p. 27). Quem apresenta a procuração é Baltazar do Vale, almotacé da corte L.^o de notas do Tab. Cristovão de Azeredo (12-2-55), Arq. Mun. A. Pimenta.

¹⁸ Carta de Tristão da Cunha para o Secretário de Estado em Lisboa, datada de 11.4.1514, in *Corpo Diplomático*, vol. I, p. 242, amavelmente transcrita pelo Dr. António de Faria.

¹⁹ Ver Apêndice II.

²⁰ Livro citado na nota 8. As testemunhas deste processo foram: Dona Mécia de Brito, m. er de Fernão de Sousa, F. C. R., o alcaide-mor de Guimarães D. Diogo Lopes de Lima, Jerónimo Alvares, bacharel do desembargo do Duque de Bragança, João Vieira, cavaleiro da Casa do Duque, Bartolomeu Afonso, mercador e Elvira Gomes, dona viúva de João de Santarém.

damas, colhemos as informações. Falam-nos de seu pai, dos avós paternos, dos tios, do bisavô. A mãe, Maria Martins, segundo os nobiliários, não é mencionada. Aparece-nos, timidamente, num Índice dos livros do Convento de S. Domingos, em frase riscada ²¹ e documento perdido. Citam os seus haveres, destrinçam os rendimentos em Guimarães dos bens que têm em outros lugares. «Do dito Nicolau de Faria resta bem pouca fazenda nesta terra». Pertence-lhes ainda a Aveleira?

Baltazar de Faria cursa Leis e Direito Civil em Salamanca; a 3-2-1540 recebe o grau de doutor. A 30-4 desse mesmo ano é mencionado num documento como Vice-Reitor ²². Depois é fácil segui-lo na História. Em 1542, agente de D. João III, trata em Roma do estabelecimento da Inquisição em Portugal.

«Trouxe para cá a Inquisição! A esse Rei, que só rezava, ao Piadoso, que só lacrimejava por Pateta, se devem as fogueiras, os castigos, o retrocesso, o atraso». Lega-nos Alexandreerculano um D. João III fanático, fechado numa escassa inteligência, quase um imbecil. Desmentem-no, e a seus seguidores, trinta e seis anos de reinado lúcido, a estudar, a examinar, a decidir com acerto. Se teve, é um facto, bons conselheiros, quis ouvi-los, e, com grandeza, seguiu-os. Nas complicadas relações com outras Cortes, numa comesinha questão sobre o pão ou o pescado, no forçado abandono de algumas praças de África, na enorme protecção ao Ensino e às Artes, na portentosa colonização do Brasil, nos privilégios concedidos ²³, esse Rei, tão caluniado, nunca sai da luz que lhe ilumina a vida: a glória de Deus e de Portugal, o bem-estar de seu Povo.

Um reino onde os homens estão moles, crivados de vícios, de indolência. Uma Fé, a sua, varrida pelas heresias, as conveniências, as crenças estranhas. Um povo a clamar justiça contra os bruxedos, a feitiçaria, os que, seguindo a maré, bebem em todas as religiões. O maior bem de todos, a salvação da Alma, ameaçado por todos os lados. Os rogos por um tribunal,

²¹ No Índice do n.º 3 dos Livros de Prazos do Convento de S. Domingos (17-3-39, Arq. Mun. A. Pimenta) vem: «Doação e testamento de Nicolau de Faria», fol. 9. A não ser a palavra doação o resto está riscado e escrito em cima: «e confirmação da terça de Cn.ª Miz veuva de Nicolau de Faria». O documento não está transcrito no livro.

²² L.º citado na nota 8, pp 19 e 20.

²³ «D. João III», por Alfredo Pimenta, Liv.ª Tavares Martins, Porto, 1936, pp. 33 e 67.

uma força para parar todo o mal. Difícil é ver, julgar, sentir quando, por fogueira, uma pequena acha aquece o fogão, quando a tolerância esfuma muitos sentimentos, todo esse período tão discutido. Fiada no bom senso, no bom governo do grande Rei que foi D. João III, na sua alma recta, apenas escrevo: a Inquisição, apesar dos muitos erros, digamos mesmo, de alguns de seus crimes, não foi o cortejo de horror mostrado por muitos, mas sim uma medida acertada para o Portugal de então.

Resiste o Pontífice, não quer para Portugal a Inquisição nos moldes de Castela. Em Roma mexe-se Baltazar de Faria. Corre os corredores e salas do Vaticano, fala com os Cardeais, com o Papa; intercede pela causa portuguesa, procura provas da brandura e justiça do Tribunal em Portugal. Trabalham também, em sentido contrário, os cristãos novos e seus agentes. Conversa o enviado do Rei Português com Sua Santidade. Inesperadamente, aos pés do sucessor de S. Pedro, lança-se um homem, aos gritos que lhe iam queimar a mãe, presa pelos inquisidores²⁴. Pelo Breve de 22-9-1544 Paulo III suspende a execução das sentenças da Inquisição em Portugal²⁵.

Podemos seguir toda esta complicada e demorada questão pela correspondência entre D. João III e Baltazar de Faria. As decepções causadas pela protecção papal aos cristãos novos, o esfriamento das relações, a mediação de Santo Inácio de Loiola, a felicidade em presentear a Rainha, a mando do Papa, com uma caixa de Agnus Dei: a elevação a Cardeal do Infante D. Henrique, todas as muitas negociações até 16-7-1548, dia da instalação definitiva em Portugal do Tribunal de Santo Officio²⁶. Documentam-no as cartas, erguem o véu das lutas diplomáticas, sem espadas e sem combates, feitas de argúcia, de cumprimentos, avanços, recuos e sorrisos forçados e, neste caso, onde mais melindrosas e difíceis são: no Vaticano, Cidade Eterna.

Também tratam de outros assuntos. «Bem creio que sereis lembrado de que os dias passados me escrevestes acerca do

²⁴ *A Inquisição em Portugal e no Brasil* — subsídios para a sua História», por António Baião, in «*Archivo Histórico Português*», vol. IV, p. 221.

²⁵ *História de Portugal*, ed. monumental, vol. III, Cap. XVIII — A Inquisição, pelo Dr. António Baião, p. 308.

²⁶ (Ver Apêndice III). Ali copiamos todos os factos ocorridos durante a estadia do Dr. Baltazar de Faria, ou com elles relacionados, muito amavelmente coligidos pelo Dr. António de Faria.

letrado que vos encomendey seys laa pera vir ler na unyversidade de Coimbra...» «... porque eu folgaria que na dita unyversidade ouvesse pessoas de letras e suficiencia que nela fysessem fruto que eu muito desejo», «... falou em Pádua a huum Marquo de Mantua Benevitis», que viria por mil e cem escudos. Regozija-se o Rei com a informação «sobre o hebreu que ahi estaa que dizeis he docto na lingua ebraiqua e caldea», «assen-teis com ele se queyra logo vir». Combinam a vinda de Júlio Raudino «letrado e de juigo que leo em Avinhão em Padua com honradas condutas»²⁷. Procura o Rei, procura o seu enviado junto à Santa Sé os homens mais ilustrados para ensinarem em Coimbra. Consegue também o Dr. Baltazar de Faria, com suas prontas respostas, alcançar para D. João III, o Mestrado das Três Ordens: Santiago, Aviz e Cristo²⁸. A 20-6-1550 o Rei tem por bem dar ao Dr. Baltazar de Faria o nome de «meo embaixador», cargo que lhe confirma a 13 de Agosto, «pela longa experiência que tem dos meus negócios que nessa corte de Vossa Santidade tem tratado e ora se tratam»²⁹. Ao Reino volta a 1-4-1551.

Reformador e Visitador da Universidade de Coimbra em 1555; visita-a de 1-2 a 1-9-1556, regressando, depois, em 1559. Reúne claustro e entrega a carta régia com os novos estatutos para a Universidade; em 1560 torna a presidir a claustros para a nomeação do novo reitor³⁰. «Jaz enterrado no Claustro da Sacrestia do Real Convento de Thomar em Tumullo alto com escudo de suas armas com o segt. letreiro: Sepultura de Baltazar de Faria q foi do Concelho de quatro Reys deste Reyno D. João 3.º, D. Sebastião, D. Henrique e D. Felipe; Almotacé-Mor; Impetrou do S. P.º Paullo 3.º a Bulla do S. Off.º da Inquisição por mandado do Rey D. João 3.º, e os Padroados das Insignes Prelazias de S. Cruz e Alcaçova pª a Croa foi Embaixador a Corte de Roma e deo obediencia deste Reino ao Papa

²⁷ Nota 23, pp. 256 a 262.

²⁸ Nota 26, carta de 2.9.1550.

²⁹ Id., cartas de 20.6.1550 e de 13.8. do mesmo ano.

³⁰ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. X, Faria (Baltazar de —). Em 1555, Baltazar de Faria «do meu conselho e meu desembargador do paço e petições», assina o despacho da carta de legitimação de Belchior de Carvalho, f.º de Sebastião de Carvalho, in *Archivo Histórico Português*, vol. III, p. 331.

Julio 2.^o»³¹. De seu casamento com D. Isabel Brandão descendem os Farias, Almotacés-Mores³². Embora originários de Pencelo, a sua história, a sua vida, passam-se ao longe, muito longe do Casal da Aveleira, onde viveram seus avós, gente ilustre e de «boa casta».



Retalhos coloridos, lisos e estampados, pequenos e grandes da vida da quinta da Aveleira. Juntá-los? É pegar na agulha do tempo, na tesoura da pesquisa, tentar alinhar, coser aqui e ali, cortar o que está a mais. Fazer uma grande colcha, não bordada a oiro, a canutilho, mas esta, a da história da Aveleira, feita de muitos pedaços, de cores diferentes, vindos daqui e dali.

³¹ *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, vol. XIII, Farias, & 3, N 8.

³² É esta a descendência de Baltazar de Faria: Filhos: — 1) Nicolau de Faria, que segue. 2) Nuno Álvares de Faria, Cónego da Sé de Lisboa, com or de S. Pedro das Águias. 3) Baltazar de Faria, † novo. 4) D. Margarida, † solt.^a. 5) D. Lourença de Faria c. c. Pedro Gonçalves da Camara, Caçador-Mor d'el Rei D. Sebastião e que tiv.: a) António Gonçalves da Camara, C. P. O. Cristo c. c. g, onde segue a representação da Casa; b) João Gonçalves da Camara, Chantre de Coimbra; c) Manuel da Camara, c. na Índia; d) Baltazar da Camara, na Índia e e) D. Joana de Noronha, freira. 6) D. Antónia de Faria, m.e.r de seu primo Sancho de Faria, Alcaide-Mor de Palmela, morto em Alcácer-Quibir e que tiv.: a) António de Faria, s. g; b) Francisco de Faria, suc. c. c. g. (Condes das Alcaçovas, Viscondes de Vila Nova de Souto d'el Rei, etc); c) Baltazar de Faria † m.; d) Manuel da Silva, Cónego da Sé de Lisboa; e) Pedro da Silva, Inquisidor de Coimbra e f) D. Maria de Vilhena c. c. seu primo Nicolau de Faria, c. g. ext.^a. 7) D. Leonor de Faria c. c. Francisco Barrozo, de Bragança.

Nicolau de Faria, suc. a seu pai no officio de Almotacé Mor e na Comenda de S. Tiago de Ronfe, na Ordem de Cristo. A 28.12.1631, Torcato de Barros de Faria, como seu procurador despede caseiros da sua comenda (L^o de notas do Tab Francisco Nogueira (10-2-50 no Arq. Mun. A. Pimenta). Sr. da Capela de Nossa Senhora das Neves no Conv.^o de S. Domingos em Guimarães, etc. Cativo em Alcácer-Quibir donde se resgatou. c. c. sua prima D. Maria de Vilhena, e div.: 1) D. Mariana da Silva, c. c. seu primo Sancho de Faria (f.^o de Francisco da Faria, acima, no 2.^o parágrafo) c. g. ext.^a. 2) Francisco de Faria, que segue, 3) Nuno Gonçalves de Faria, s. g. 4) António de Faria, frade agostinho, e 5) D. Luísa de Vilhena c. c. Manuel de Távora, s. g.

— Francisco de Faria, suc. a seu pai c. c. D. Felipa de Menezes, viúva c. g. de seu primo Ambrósio de Aguiar Coutinho, f.^o de António

Pano póido, azul, cheio de ternura: a manda de Inês Luís, viúva, moradora na Aveleira, a 20-8-1604³³. Obradas de trigo, pescadas, carneiro, vinho e pães, o terço para seu filho Gaspar Luís, as recomendações à filha Catarina, ao genro, a todos «q façam partilhas de seus bens com muita quietação e irma.mte». Panos brancos, castanhos de surrobeco, cor da terra. A 2-12-1570, a 20-4-1573, baptisaram João Pires e mulher Inês Luís, da Aveleira, uns filhos: Inês e Gongalo. Pretos, a escumi-lha do luto; no mesmo casal, a 17-11-1579, morre João Pires. Trapos cinzentos, descoloridos: Luís Anes, senhor do casal³⁴, e mulher, Catarina Gonçalves, a perderem, em 1568, uma irmã solteira, Isabel Anes, a casarem filhos: Amador Luís em 1566, Helena Luís, em 1573; eles próprios a partirem para Deus a 20-8-1578 e a 20-9-1599³⁵. São pais de Inês Luís? Podemos

Gonçalves da Camara, C. P. O. Cristo, no 1.º parágrafo (f.º de D. Lourença de Faria). Com autorização régia e Alvará de lembrança passado a 27.4.1668 pelo Príncipe D. Pedro, Regente da Rainha, na impossibilidade d'el Rei D. Afonso VI, renunciou o officio de Almotacé-Mor no seu immediato sucessor, seu enteado e primo, António Luís Gonçalves da Câmara Coutinho.

António Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, suc., Comor de S. Tiago de Ronfe, Almotacé-Mor do Reino por alv. de 8.1.1675, foi 35.º Vice-Rei da Índia, c. c. g. Seu bisneto João Gonçalves da Câmara Coutinho, suc., fal. s. g. em 1787, sucedendo-lhe seu sobrinho (f.º de sua irmã D. Francisca Josefa da Câmara e marido Luís José Correa de Sá Velasco e Benevides, do Cons. d'el Rei. Gov. e Cap. General de Pernambuco) o 5.º Visconde de Asseca. Nesta Casa vem até hoje a representação dos Farias de Penselo, Almotacés-Mores do Reino. Com.ores de S. Tiago de Ronfe. V. *Curiosidades de Guimarães*, (XIII) «Comendas da Ordem de Cristo no Termo de Guimarães», de Alberto Vieira Braga, *Os Vice-Reis da Índia*, de Ferreira Martins, *Nobiliário da Ilha da Madeira*, de Henrique Henriques Noronha — Câmaras & 9.º Casa do Almotacé-Mor, e *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, de Albano da Silveira Pinto, p. 153.

³³ «Manda que faz ines llois da velleira f.º de sao joam de pensello», a 20.8.1604, «estando ella ahi doente em cama da doensa q nesso snor lhe deu». L.º de notas do Tab. António Dias Maceiro, p. 10 v.º, no Arq. Mun. A. Pimenta (10-2-19).

³⁴ «O casal da Aveleira q foi de Luis Annes cuja renda foi escambada pello do Casal de Mata Clerigos Azurem... Tab. D. os Lopes mo officio de Ant.º Machado Barbosa, Folha de Privilegio n.º 304- L.º dellas a fl. 144 v.º, in «Mostrador Grande», Arq. Mun. A. Pimenta (4-3-5).

³⁵ Todas estas datas são tiradas do Misto 1 de S. João de Penselo, Arq. Mun. A. Pimenta.

coser, unir os tons cinzentos aos castanhos, aos suaves azuis da sua manda?

Retalhos, mais retalhos, onde os colocar? Senhores da Aveleira ou seus caseiros, mãos a trabalharem a terra, a sentirem o frio das madrugadas, o bafo quente dos seus bois? Lã de muitas cores, avental de noiva de Catarina Luís, filha de Inês Luís, viúva, a unir o seu destino, a 16-4-1587, ao de João Pires da Aceição, frente ao altar de S. João de Pencelo. Vão nascendo os filhos. Maria, Joana, Catarina, Domingos ³⁶. Trapinhos, ainda sujos de terra, de nódoas de vinho, de broa esfarelada. Vidas simples a desaparecerem, uns casados, outros solteiros, alguns sem rasto.

Vejamos este pano, muito maior, de damasco vermelho. A 21-7-1614 Cosme Machado de Miranda, Fidalgo da Casa Real, e sua mulher D. Joana de Moura Coutinho, na sua casa em Guimarães, dotam a seu filho, Jerónimo Machado de Miranda, «por lhes ser muito obediente e não terem outro» a sua quinta do Outeiro Levado, na freguesia de São Cristóvão de Riba Selho ³⁷, e o seu casal da Aveleira, em S. João de Penselo ³⁸. Escreve o Abade de Tagilde, em seus manuscritos: «A quinta da Aveleira q foi de Gonçalo Afonso de Cem, instituidor da Capela de N. Sr.^a das Neves em S. Domingos. Sua filha Leonor Afonso de Cem casou com Pedro Alvares de Faria, vivendo na dita quinta. Foi seu filho, João Alvares de Faria que casou com Brites Alvares. Seu filho segundo, Gonçalo de Faria, casou com D. Isabel Barbosa Correia, e tiveram uma filha que quiz ser freira. A menina morreu e a quinta da Aveleira ficou à secular (sua mãe), que a deixou a seu sobrinho Cosme Machado de Miranda. A este sucedeu sua filha Margarida Machado de Miranda, mulher de Torcato de Barros de Faria, a qual vendeu a quinta a Simão Dias Pimenta, homem muito rico e prebendeiro

³⁶ Maria é bap. a 29.6.1588, Joana a 20.6.1590, Catarina a 25.11.1594 e Domingos a 13.8.1600, no M. 1 de Penselo assim como o casamento dos pais.

³⁷ Sobre esta q^{ta} do Outeiro Levado v. nota 46, das *Velhas Casas V*, Casa de Pousada. Cosme Machado de Miranda era 3.º neto por sua avó paterna, D. Inês de Miranda Peixoto, de Isabel Vasques Peixoto, dos sr.s de Pousada, a quem pertencia o Outeiro Levado.

³⁸ L.º de notas do Tab. António Barreiros, Arq. Mun. A. Pimenta (12-3-2), p. 41. Este documento já vem citado na nota 70 das *Velhas Casas V* e na nota 10 de «*Eugénia da Cunha Peixota*».

da Real Colegiada»³⁹. O damasco encarnado, já a abrir, rompe ao ser seguro, observado. Só em alguns sítios é que se consegue coser aos outros, aos muitos retalhos da história da Aveleira.

Gonçalo de Faria, escudeiro de D. João II, lançador de cavalos e armas na comarca de Entre-Douro-e-Minho, está na vila de Guimarães, junto ao padrão de Santa Maria da Oliveira, a ver e a examinar os privilégios da Colegiada de Nossa Senhora⁴⁰, em 1483. Filho segundo de João Álvares de Faria, é, de 1487 a 1494, almoxarife dos direitos reais em Barcelos; o mesmo cargo exerce em Guimarães em 1521 e 1522⁴¹. Foi sua mulher, D. Isabel Barbosa, dos de Aborim, irmã da mãe de Cosme Machado. É a segunda mulher de Cosme Machado, D. Joana de Moura Coutinho, que nasce Jerónimo Machado de Miranda, filho único, «q morreo solteiro da queda dum cavallo»⁴². Herdeira de Cosme Machado é sua filha natural, Margarida Machado de Miranda, sucessora de seu pai na Casa da Mogada, em S. Clemente de Sande, freguesia solar dos Machados⁴³, entre o verde da folhagem e a fartura dos campos. Casa Margarida Machado de Miranda com Torcato de Barros de Faria, descendente de João Álvares de Faria⁴⁴, senhor do

³⁹ «Guimarães — Apontamentos para a sua história (concelho)», pelo Abade de Tagilde, 4 vols. manuscritos em 1884 na Bib. da Sociedade Martins Sarmento, parte que trata da freg.^a de S. João Baptista de Pencêlo.

⁴⁰ Sentença de el-Rei D. João II, mandando ao seu contador Rui Mendes e a Gonçalo de Faria, seu escudeiro e lançador dos cavalos e armas na comarca de Entre Douro e Minho e a quaisquer outros seus officiaes a que isto pertencer, vejam, examinem e olhem os privilégios conteudos nas cartas ou documentos que aqui teem sido relatados. Ano do Nascimento de N. Sr. J. C. 1483. Documento muito curioso. N.º 51 do «Arquivo da Colegiada de Guimarães», por João Lopes de Faria, in *Revista de Guimarães*, vol. XXXII — n.º 2.

⁴¹ *Archivo Histórico Português*, vol. III e vol. IX, p. 443.

⁴² *Pedatura Lusitana*, de Cristovão Alão de Moraes, vol. II, 1.º Tomo, p. 512.

⁴³ V. «Eugénia da Cunha Peixota ou o Morgado do Parto Suposto», pág. 6 e 7 e notas 9, 10 e 11 onde é citado Cosme Machado de Miranda e o Morgadio dos Machados de Miranda, em S. Clemente de Sande.

⁴⁴ Torcato de Barros de Faria, F. C. R., Sr. do Morgadio dos Laranjais, em Guimarães, onde foi Juiz, Vereador e Almotacé, era f.º de Francisco de Barros de Freitas e de sua m.e.r Isabel Nunes de Faria, neto pat. de Artur de Barros e de sua m.e.r D. Cecília de Freitas de Castro, e mat. de Francisco Novais de Araújo e sua m.e.r D. Brites de Faria (nota 11).

Morgado e Casa dos Laranjais, em Guimarães. Não têm filhos do casamento. Deixa Torcato de Barros filhos reconhecidos: o primogénito é João de Barros de Faria ⁴⁵, sucessor de seu pai nos Laranjais, e a sua madrasta, com quem institui um vínculo ⁴⁶, na Casa da Mogada. Na sua geração, os Barros Farias, da Mogada e dos Laranjais, seguem estas casas. Pedacos da história da Aveleira, procuram-se, remexem-se nos cartórios, nos documentos, mas não aparecem. Os retalhos voam, rodo-piam, deixam apenas duas certezas: em 1614 Cosme Machado era senhor da Aveleira, em 1640 não foi Margarida Machado, nem seu marido, Torcato de Barros de Faria, nem ninguém da sua família que a vendeu.

Linho fino, restos, nas velhas arcas. Em 1637 «Antes do Natal de mes de dezembro aos 10 dias faleceu Joana Luis» ⁴⁷, Filha de Inês Luís? A 24-3-1638 casa Giraldo Luís, «meo frequês», com Catarina Antunes ⁴⁸. Ambos vão, a 16-1-1640, à Rua dos Mercadores, em Guimarães, «casas de Simão Dias Pimenta, infância». Aí lhe vendem o seu casal da Aveleira, em Pencelo, onde moram, «privilegiado das Tábuas Vermelhas, que ficou a ele Giraldo Luís por falecimento de sua irmã Joana Luís por escolha que dele fizeram os ditos Rev.dos Cónegos da Colegiada e como as vidas estavam findas eles o vendem com todas as entradas, saídas, avidas e por aver, a Simão Dias Pimenta por 130 mil reis livres a eles vendedores de sizas, dominios e mais gastos, mas em vida de Giraldo Luís o privilégio e os usos e frutos serão dele, e no caso dele morrer primeiro que a mulher o casal fica logo livre para os compradores com condição de darem à viuva quarenta razas de pão, o terço do milho e do centeio, vinte almudes de vinho, na dorna a quatorsado em cada

⁴⁵ «Legitimação que faz Torcato de Barros de Faria a seu filho João de Barros que por outro nome também é João Novaes». Por o ter havido sendo solteiro e de mãe também solteira o legítima e reconhece por filho e herdeiro a 11.1.1641, L.^o de nctas do Tab. Miguel Dias, Arq. Mun. A. Pimenta (12-4-3). No mesmo L.^o, numa procuração feita por André Afonso Peixoto, a 13.11.1640, «então carecido da vista», a seu cunhado Torcato de Barros de Faria (irmão de sua mulher) João de Barros de Faria, que acompanha o pai, ainda assina João Novais.

⁴⁶ L.^o manuscrito existente na Casa da Mogada. Baseado em muitos documentos foi coligido pelo Comandante Eduardo de Carvalho Crato, c. c. D. Margarida Pereira de Carvalho, Sr.^a da mesma Casa.

⁴⁷ M. 1 S. João de Pencelo, Arq. Mun. A. Pimenta.

⁴⁸ Idem.

ano e lhe semearão uma raza de linhaça no campo da Pereira ao longo da horta num ano e no outro pã a banda do bairro e do penedo para cima...»⁴⁹.

Os últimos pontos. Na Aveleira, sua enquanto vivo, nascem os filhos de Geraldo Luís⁵⁰. Com cuidado cosemos rendas, rendas brancas e leves. Contratam os fregueses de S. João de Pencelo com Geraldo Luís sobre a obrigação de contribuirem com uma cruz de prata para a sua Igreja, o que lhes estava mandado por capítulos de visitação. Não têm dinheiro, por isso Geraldo Luís, senhor usufrutuário da Aveleira, dá a cruz, com o mesmo peso «que tem a de S. Lourenço do Selho». Cada vez que se ergue a cruz, rezam todos⁵¹.

Pronta a colcha, de linho e estopa, algodão e damasco, de muitos pedaços, de cores diferentes desta parte da história da Aveleira. Sobre ela se ergue a Cruz de Prata, dádiva à freguesia por um dos seus senhores. E todos murmuram baixinho, ou no silêncio do seu coração, Padre-Nosso, Avé-Maria...

Pronta a colcha. Foi a Aveleira, inteira, tal e qual como hoje, comprada a 16-1-1640 por Simão Dias Pimenta? Mas como, se já sua tia, Maria Peixoto de Freitas, diz, ao fazer-lhe o dote para casar, a 18-8-1631, que anos atrás «ao instituirem ou levantarem uma Capela de Nossa Senhora da Porciuncula

⁴⁹ «Compra de Simão Dias Pimenta a Giraldo Luis e m.er da Aveleira de Pencelo», a 16.1.1640. L.º de notas do Tab. António Nogueira do Canto (10-2-59), Arq. Mun. A. Pimen'a. Nesse mesmo dia Giraldo Luis pede emprestado a juros a Simão Dias Pimenta.

⁵⁰ Foram filhos de Giraldo Luis: Domingos, b. a 10.4.1639; o pad. foi Simão Dias Pimenta; António, b. a 27.12.1657. e José, a 3.11.1662. É natural que sejam de dois casamentos. Giraldo Luis fal. na Aveleira a 13.12.1666 «está enterrado dentro da Igreja reconciliado com todos os sacramentos ficou herd.ª sua m.er Mariana». M. 1 Pencelo.

⁵¹ A 7.4.1647 «...todos os freg.s juntos disseram que escrevesse este termo de contrato com Giraldo Luis morador no Casal da Aveleira sobre a obrigação de contribuirem com uma cruz de prata para a dita igreja que lhes estava mandado por capitulos de visitação e como os fregueses não tem dinheiro para isso elle giraldo Luis dará a cruz de prata com o mesmo peso que tem a de S. Lourenço de Selho e todos os fregueses tem obrigação de lhe rezar um padre nosso e uma avé Maria todas as vezes que se levantara a dita cruz, por sua vida e acrescencamento dela e sua mulher e das almas de seus defuntos e por sua morte por suas almas e por quem são obrigados e findas as obrigações pelas almas do purgatório e mandar dizer duas missas p.ª sempre pelas mesmas intenções ». M. 1 Pencelo.

sita no corpo da Igreja de S. Francisco em Guimarães, na escritura vincularam para os sucessores dela a quinta da Aveleira em S. João de Pencelo» e entre os mais bens dota-lhe «a quinta da Aveleira com todas as suas pertenças foreira a Deus»⁵². Rasgamos a colcha em duas. Numa parte, a Aveleira comprada a Geraldo Luís com seu privilégio das Tábuas Vermelhas; na outra a vinculada à Capela da Porciuncula do Convento de S. Francisco. Ambas são de Simão Dias Pimenta. Nelas procuramos ajustar os muitos retalhos, as muitas cores: os Farias, Almotacés Mores, os modestos Luíses, os Machados de Miranda e António Dias Pimenta, homem grave, da governança da vila, tio de Simão Dias Pimenta.



Um a um apresento toda a família de Simão Dias Pimenta, rico mercador, Prebendeiro do Cabido⁵³, sr., por compra e

⁵² «Dote he doasão antre simão dias pimenta com c.n.^a da costa filha de fr.c^o vaz britto», a 18.8.1631. L.^o de notas do Tab. João de Abreu (12-3-8-), Arq. Mun. A. Pimenta. O dote foi feito na Q.t.^a da Aveleira, em Pencelo. Apareceram: Maria Peixoto, dona viúva de António Dias Pimenta «que deos tem da governansa desta villa e infansão della», Francisco Vaz Brito, m.or em Guimarães, e o noivo, Simão Dias Pimenta, «m.or na companhia da dita M.^a Peixoto», e sobrinho de seu marido. Dota-o a tia com «mil cruzados que serão empregados em fazendas depanos de corres finas, meia quinta do casal de galegos, sita no termo da vi'a do prado, 2 ou 3 leiras que tem na rua dos gatos herdade dizima a Deus, a quinta da aveleira com todas as suas pertenças, foreiras a Deus e 45 razas de pão que se pagam em Joane 7 varas de pão que se pagam na dita freg.^a, o casal de beredo sito na freg.^a de S.t.^a Marinha de Mogege, o Casal de Gazem em que ella é segunda vida, o Casal da Vila Chã e Lage ,prazo do mosteiro de Arouca na freg.^a de S.t^o Estevão de Urgezès, as casas em que vive na Rua dos Mercadores nesta vila, a casa e ortas que tem ao Portelo das Hortas, privilegiados das Tábuas Vermelhas, as casas na Rua de Donães» e a nomeação do vínculo e capela de Nossa Senhora da Porciuncula, em S. Francisco. O pai da noiva também a dota com muita largueza.

⁵³ Foi «Prebendeiro de 1637 p.^a 1638 e 39 e 1640 até 1650 até o de 1653» in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. VII, p. 108. Numa carta, datada de 7.6.1652, do Príncipe Dom Pedro, então Regente, para Dom João Lobo de Faro, Dom Prior de Guimarães, ordena-se a Simão Dias Pimenta, Tesoureiro das Décimas da Real Colegiada, «Que entregue as decimas que deve do anno passado de 1651, e as vencidas nos quartéis deste anno» aos administradores das fronteiras. In *Boi. de Trabalhos Históricos*, vol. I, n.^o 2, p. 27.

herança, da Avelreira, do Carvalhal, do Gualtar e dos moinhos do Rio Selho⁵⁴, tudo em Pencelo. Não estão seus pais, provavelmente já defuntos, Baltazar Fernandes e mulher Catarina Gonçalves, «das partes de Landim», moradores que foram no lugar de Paredes, freguesia de Santiago da Carreira, Refojos de Riba de Ave⁵⁵. Também já não está seu tio António Dias Pimenta, instituidor do vínculo de Nossa Senhora da Porciuncula⁵⁶. Mas sim a tia, sua viúva, Maria Peixoto de Freitas⁵⁷, em casa de quem viveu Simão Dias Pimenta até casar, casamento celebrado na Igreja de S. João de Brito, arredores de Guimarães, a 26-11-1631, presidido por seu irmão o Reverendo Agostinho Fernandes, Abade de S. Bento⁵⁸. Rodeiam-na, a mulher

⁵⁴ Comprou o Carvalhal a 25.2.1641 a Maria de Miranda de Azevedo, dona viúva de Carlos de Araújo de Azevedo, por 100\$000; era foreiro ao Morg.^o de Pedro Machado de Miranda. L.^o de notas do Tab. António Nogueira do Canto, Arq. Mun. A. Pimenta (10-2-49); os moinhos do Rio de Selho, em Pencelo, a 2.2.1640, a Cosme de Alvarenga, mesmo Tab. (10-2-59), etc. etc. Também aparece em muitas outras escrituras de vendas e juros.

⁵⁵ Hoje é freguesia do concelho e comarca de Santo Tirso. «Foi sede de um conc. há muito extinto e pertenceu também ao extinto conc. de Refojos de Riba de Ave» (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*).

⁵⁶ António Dias Pimenta, Procurador da Câmara de Guimarães em 1607 (2.^o L.^o das Vereações), instituiu, com sua mulher Maria Peixoto de Freitas, (v. notas 50 e 58 das «*Velhas Casas V*», Casa de Pousada) um vínculo na igreja de S. Francisco, em Guimarães: o de Nossa Senhora da Porciuncula, com jazigo para sua família. Lê-se no dote de Simão Pimenta (nota 52): «...quando instituirão e levantarão uma Capela de Nossa Senhora da Porciuncula sita no corpo da Igreja de S. Francisco em Guimarães na qual escritura vincularão para os sucessores della a quinta da Avelreira sita em S. João de Pencelo». Não tendo filhos, foi herdeiro de António Dias Pimenta seu sobrinho Simão. Com as diversas reformas sofridas ao correr dos anos pela igreja de S. Francisco, não posso determinar ao certo o sítio onde seria a capela; as armas dos da Avelreira, mandadas colocar pelos sucessores do vínculo, encimam, actualmente, o altar de S. José. A igreja da Porciuncula, pequeno templo perto de Assis, cedido a S. Francisco, tornou-se berço da Ordem Franciscana. Desde 1221, todas as capelas desta Ordem, sob esta invocação, têm muitas indulgências.

⁵⁷ Era f.^a de Vasco Peixoto e de sua m.^{er} Isabel Castelão de Freitas, neta pat. de Álvaro Vaz Peixoto, Sr. da Casa de Pousada, e de sua m.^{er} Inês de Carvalho. V. «*Velhas Casas V, Casa de Pousada*», pp. 19 a 22 e 31 a 33 e nota 58.

⁵⁸ M 1 S. Paio, Arq. Mun. A. Pimenta. As testemunhas foram João da Costa, mercador, e Torcato Machado de Miranda.

de Simão Pimenta, Catarina da Costa, e suas irmãs Margarida e Isabel da Costa, dona viúva de Torcato Machado de Miranda, senhor da quinta da Breia, em Vermoim ⁵⁹. Paulo de Barros de Azeredo ⁶⁰, marido de Margarida, conversa animadamente com o cunhado. Recordam um sucesso. Anos atrás, altas horas da noite, fora gravemente ferido na cabeça o pai delas, Francisco Vaz de Brito ⁶¹. Morrera. Entre os culpados tinham prendido a Vicente Gonçalves, de S. Paio de Figueiredo. Agora, informados como o caso acontecera, provada a inocência de Vicente Gonçalves, livram-no de todas as acusações ⁶². Recordam sua velha mãe, Maria da Costa, «filha de Inês de Goes, que do Porto viera, acompanhada de duas filhas» ⁶³. Retiram-se para

⁵⁹ Isabel Vaz da Costa, irmã de Catarina da Costa x em 1619 (dote de 3 l. do dito ano nas notas do Tab. M.^o Fernandez, Arq. Mun. A. Pimenta (10-1.81)), com Torcato Machado de Miranda, fal. a 25.4.1638 (M 1 S. Paio) na sua casa da Rua dos Gatos. Torcato Machado de Miranda, Capitão de Inf.^a dum dos terços da vila de Guimarães, sr. da Q.^{ta} da Breia, em S.^{ta} Maria de Vermoim, era bisneto, por legítima varonia, de Fernão Machado de Goes; v. «*Eugénia da Cunha Peixoto ou o Morgado do Farto Suposto*», p. 6. Dele descendem, por linha masculina legítima, os Machados de Miranda, da q.^{ta} de Mouriz, Paredes, e os Leite de Bragança, e por senhora os Machados de Miranda das q.^{tas} da Breia, da Torre do Carvalhal, em Guardizela, os Machados Carmonas, de Barcelos, os Bragança Ribeiro, de Cete, etc., etc.

⁶⁰ O outro cunhado, Paulo de Barros de Azeredo, é citado nas «*Velhas Casas* (II), Casa da Covilhã» e nas «*Velhas Casas* (IV), Quinta do Paço», nos Esquemas Genealógicos. No 1.^o, o seu nome, por gralha, vem Paulo Barbosa. Casado em 1.^{as} núpcias com Maria Barbosa de Miranda, dele descendem os Senhores da Casa da Covilhã. De seu 2.^o casamento com Margarida da Costa houve vários f.os, entre eles Isabel de Barros de Azeredo x. a 4.7.1657 c. o Lic. do Jerónimo de Almeida, médico em Ges

⁶¹ Rico mercador em Guimarães, era f.^o de Braz Francisco. Morava na Rua dos Gatos. A 27.8.1631 arrendou por um ano a Comenda de Souto e depois trespassou-a em seu genro, Simão Dias Pimenta. L.^o de notas (10-2-5-, no Arq. Mun. A. Pimenta). Fal. a 23.12.1646 (M 2 S. Paio).

⁶² «Perdão q derão Simão Dias Pimenta e Paulo de Barros e suas mulheres a Vicente Glz de São Paio de Figueiredo», a 15.7.1649. L.^o de notas do Tab. Jerónimo Abreu (12-4-4), Arq. Mun. A. Pimenta.

⁶³ Maria da Costa tinha fal. a 20.4.1637 (M. 2 S. Paio), deixando o marido por herd.^o Era. f.^a de Manuel Nunes da Costa e de sua m.er Inês de Goes, que, depois de viúva, viera do Porto viver para Guimarães com duas filhas: Maria, e Paula da Costa. x a 8.10.1600 c. João Ribeiro, da freg.^a de Vila Fria, M. 1 Oliveira. Dados tirados das Inq. para Cônegos de seus netos.

suas casas, passos a ressoarem nas lages da Rua de Santa Maria, criado a aluminar à frente, nesta data de 15-7-1649.

Gente nova? Está quase vazia a casa de Simão Dias Pimenta. Cônegos na Real Colegiada de Nossa Senhora, desde os 13 e os 14 anos, os seus dois filhos mais velhos, António e Jerónimo Dias Pimenta ⁶⁴ passeiam no Claustro, entre as vésperas, as noas e mais ofícios do coro. Escandalizam-se os seus poucos anos, feitos para correrem nos campos, caçarem grilos, jogarem à malha, ao verem os companheiros, outros cônegos, entrarem e saírem do Convento de Santa Clara, em conversas, suspiros e ais com as religiosas, a divertirem-se com jogos de azar, a faltarem a muitas das suas obrigações ⁶⁵. Com todo o vigor, toca o Reverendo Cônego Jerónimo Dias Pimenta a «campana» dos defuntos. Ai! Parte-se o sino sobre o pátio principal da Igreja ⁶⁶. João Pimenta de Eça, o terceiro filho, mais

⁶⁴ António nasceu a 22.9.1633 na Rua dos Mercadores (N. 1 Oliveira), bapt. na Colegiada, foram seus padrinhos os tios, Torcato Machado de Miranda e Maria Peixota de Freitas. Fez as Inquirições para Cônego da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira a 20.11.1648; in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. II, p. 106 a 115. «Entrou p.^a Coadjutor do Conego Fr.^{co} Correia aos 26 de 9.1646 e renunciou por coadjutoria no seg.te e morreo aos 31.3.1697», in. *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. VII, p. 125.

Jerónimo nasceu na mesma rua e foi B. a 24.9.1634; os pad.os foram o tio pat. Agostinho Fernandes, Abade de São Bento, e Dona Maria mór do Provedor (N. d. Oliv.^a). Fez as Inquirições para Cônego a 7.12.1648, In *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. II, p. 158 a 161. «Entrou por obitu de seu Antecessor João Gomes Coelho tomou posse aos 10 de Xbro de 1648 a, renunciou por coadjutoria no seg.te e morreo aos 25.1.1710 pela hua ora da manhaan». In *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. VII, p. 150, «Elementos para um Catálogo dos Chantres, Tesoureiros, Mentres Escolas, Arciprestes, Arcediagos, Magistrais, Cônegos Prebendados e Meios Prebendados, da Colegiada de Guimarães».

⁶⁵ Na Visitação que «o Ill.mo S.r D. Prior Dom João Lobo de Faro fez no spiritual etemporal a Real Collegiada dens.^a da Oliveyra da Villa de Guimarães no anno de 1651», in *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. XIX, p. 80 o Rev. Cônego Jerónimo Dias Pimenta, de dezasete anos de idade, pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos, fala contra o Chantre os cônegos que entravam em Santa Clara e os que jogavam jogos de azar. A p. 82 vem o testemunho de seu irmão, o Reverendo Cônego António Dias Pimenta, de 18 anos de idade.

⁶⁶ Lê-se no testemunho do Cônego Dâmaso de Freitas de Azeredo, feito na mesma ocasião: «...E que o fabricante saiba quem quebrou a campana dos defuntos que está sobre o pateo da porta principal desta Igreja E a mande reformar por sua conta, oq.dizem aquebrou o Rev.º

tarde Inquisidor em Coimbra, também já está consagrado a Deus⁶⁷. Entre os que partiram meninos⁶⁸, a esperança do que ainda vai nascer: José da Costa Pimenta, o continuador da Casa⁶⁹. Na Aveleira, mandada erguer por Simão Dias Pimenta, Infância da Governança, e sua mulher, Catarina da Costa, uma capelinha. Já a 20-7-1641 pedem ao Reverendo Senhor Arcebispo Primaz a licença para nela rezarem missa⁷⁰. E «a pequena Ermida da invocação de Santo António», aguarda, na singeleza das suas pedras, os seus senhores, as suas orações.

A 16-12-1652 no Casal da Aveleira há «hua casa cosinha e na saída hum quinteiro e seleiro he tres cortes de hum curral he hua adegua com hum lagar na porta da adegua hua pereira mais hum palheiro e hua corte outra latada que se arma sobre o penedo que esta nas costas da cozinha e hua eira». Alguns campos: o da Eira, o que foi vinha — entre eles

Conego Hieronimo Dias Pymt.^a». In *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. XVIII, p. 105.

⁶⁷ Nasceu a 31.10.1637, b. na Colegiada e foram padrinhos, o Rev.^{do} Dr. Rui Gomes Golias, Mestre Escola da Colegiada e Maria de Almeida (N 1 Oliv.^a). As vezes o seu nome vem como João Pimenta de Eça.; como Inquisidor em Coimbra a 11.3.1693, assina uma carta de Familiar do Santo Officio: João da Costa Pimenta. in *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. I, n.º 2, p. 37.

⁶⁸ São estes os filhos de Simão Pimenta e de sua m.^{re} que julgo terem falecido meninos: Francisco, n. a 8.3.1636, Manuel, a 2.2.1639, Bento, bap. a 28.10.1641, e Maria, n. a 3.8.1645, esta última na Rua de S.^{ta} Maria e os outros na dos Mercadores (Oliv.^a N. 1).

⁶⁹ José da Costa Pimenta, o mais novo e único com geração, n. a 8.9.1649. B. a 12, foram seus padrinhos o «Ill.^{mo} Sn.^{or} Dom João Lebo de Faro Dom Prior da Colegiada e Luiza de Guimarães, da Rua de Fornos», Oliv.^a N. 1.

⁷⁰ «Doação que fazem simão dias pim.^{ta} e sua m.^{re} p.^a a sua capella de Santo Ant.^o da quinta da aveleira», a 20.7.1641. L.^o de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-41), Arq. Mun. A. Pimenta. Neste documento, Simão Dias Pimenta, Infância da Governança, e m.^{re}, Catarina da Costa, dizem que «ordenarão e mandarão fazer na sua quinta da Aveleira sita na freg.^a de são joão de pensello termo da dita villa huma Irmida da Invocação de Santo António...». Dotam a capela com os rendimentos da Q.^{ta} da Aveleira. O Abade de Tagilde no seu *Guimarães e Santo António* diz, a p. 116: «No atrio da nobre casa d'Avelleira, junto ao portal existe profanada (1895) uma capella sob a invocação de Santo António, cuja fundação não pude apurar não devendo, porém recuar-se, além do século XVIII». Baseando-se em não encontrar menção da capela, nem na *Corografia Portuguesa* nem nas *Memórias de Crasbeeck*, escritas em 1726, chega o Abade de Tagilde a essa errada conclusão.

um moínho —, o de Labrestos, cercado de uveiras, o das Pereiras, o do Dial, a leira do Talho. Nas lapas, à volta do Penedo Cavalgado, no Souto Velho, as devezas com castanheiros. Água, muita água, a refrescar as terras: a poça do Lápiz, que vai para o Outeiro da Cruz, demarcada com marcos e cambros, a metade da poça de Cames, a outra poça no campinho do Ribeiro. E o sol a dourar, a faíscar por entre os verdes, a brilhar entre a terra molhada. Morre Simão Dias Pimenta. A 22-9-1653, sua viúva, Catarina da Costa, passa procuração a seu filho, o Reverendo Cónego Jerónimo Dias Pimenta, para renovar as vidas do casal ⁷¹. A 20-11-1679, pela grande devoção que sente, dá quarenta mil reis de esmola à confraria de Nossa Senhora ⁷². E no Senhor adormece, a 9-4-1680, Catarina da Costa, dona viúva, na sua casa, na Rua de Santa Maria ⁷³.

Ouve-se picar a pedra; fazem obras os Pimentas. O Reverendo Cónego Jerónimo manda, a 30-8-1681, junto à sua casa que terminava a Rua da Infesta, construir uma capela: a de Nossa Senhora da Boa Morte. A capelinha, (hoje só a podemos ver em mapas antigos), era caiada, fachada armoriada com o brasão dos Costas Pimentas e toda revestida de azulejos no seu interior. No altar repousava Nossa Senhora morta «imagem digna de ver-se pela corecção de suas linhas e beleza de sua escultura» ⁷⁴. Seu irmão mais velho, o Reverendo Cónego

⁷¹ «Prazo do casal daveleira feito a C.^a da Costa», — Cabido — a 22.9.1653, L.^o de notas do Tab. Domingos Lopes, Prazos do Cabido, Arq. Mun. A. Pimenta (1-2-6b). É o Rev.^{do} Cónego Jerónimo Dias Pimenta que, por as vidas estarem findas, pede novo prazo em nome de sua mãe, então já viúva. A vedoria fora feita a 16.12.1652 sendo seu pai ainda vivo. É Privilegiado das Tábuas Vermelhas. No mesmo l.^o está a vedoria do Casal de Mata Clérigos, freg.^a de Azurém, também de Catarina da Costa. Este prazo fora de Francisco Vaz Brito e saiu desta família em 1729, passando depois a denominar-se Casal da Eira.

⁷² L.^o de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz, pp. 55 v.^o, Arq. Mun. A. Pimenta (10-2-56)

⁷³ Ob. 1 Olv.^a.

⁷⁴ *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, pp. 72 e 73. Entre os vários encargos que tinham os possuidores da Capela, citados na referida obra, estão as quatro missas perpétuas e outras, mandadas rezar pelo Cónego Jerónimo Dias Pimenta, segundo contrato que fez com os frades franciscanos a 25.11.1682, (12-4-37). L.^o de notas do Tab. Domingos da Cunha. Já não existe a rua da Infesta. Continuava a Rua de Santa Maria, frente ao Convento do Carmo, e deu lugar ao Largo do Carmo. Em 1871, segundo o livro acima citado, ainda existia a capela, embora os Pimentas já há muito a tivessem vendido.

António Dias Pimenta, com ele morador, manda fazer, junto à Aveleira, uma casa nova. A 28-3-1683 chama os mestres de obras.

António Gonçalves, Domingos da Costa e Miguel Nogueira, de S. Romão de Arões, «termo desta villa» e Domingos da Costa, da aldeia de Crasto, freguesia de Santa Eulália, a Antiga, do concelho de Montelongo, vêm à chamada. Terá a casa nova setenta e cinco palmos de comprimento, entrando neles a grossura da parede que «lhe servirá de outão»; vinte e um palmos e meio de largura do «vão para dentro», e a mesma altura da casa velha, de que é a continuação, «mistica e enleada». Nas lojas farão «repartimentos de duas paredes» de quinze palmos de alto e vinte e um de comprido, «de propianho ou dobrado», serventia de um «corredor terreiro», com duas portas «quada qual dellas de largura de dez pallmos feitas de pessos como a que esta no claustro de nossa senhora da oliveira junto a santo estevao». Terá a casa ao todo, contando as janelas, doze portas, «onde ele conego as mandar fazer». No sobrado farão «duas guarda roupas» e uma cantareira repartida ao meio, metidas na parede, e «tornearão» mais uma chaminé. Ajusta-se a obra em oitenta e dois mil e quinhentos reis. Quer o Reverendo Cónego mais uma janela, mais uma porta? Pagará mais mil reis de feitio por cada uma. Passa a casa dos vinte e cinco palmos de altura? Pagará mais mil e quinhentos a braça. Não chega à altura combinada? Abatem o mesmo os pedreiros. Manda por sua conta Sua Reverência abrir os cunhais da casa velha para nela se fazer os «encalemtos» da parede nova, os alicerces e entulhos para se assentarem neles as soleiras, dá a pedra capaz para os algerozes. Quebram os mestres pedreiros a pedra, acarretam-na, lavram-na com cuidado e arte, igual à da casa velha. Entulham com barro amassado a parede grossa. De toda a obra, só levantam a mão ao acabar «em toda a sua perfeição» a nova casa da Aveleira, mandada fazer pelo Cónego António Dias Pimenta ⁷⁵.

Ao casar, José da Costa Pimenta tem um filho natural: o Reverendo Cónego Manuel de Brito Pimenta ⁷⁶, a seguir, na

⁷⁵ «Comtratto do Rev.^{do} Cónego Ant.^o dias pimt.^a com quatro pedreiros p.^a lhe fazerem as cazas da quinta de avelleyra de pensello», a 28.3.1683, L.^o de notas do Tab. Domingos da Cunha, p. 82 v.^o (12-4-37), Arq. Mun. A Pimenta. É um documento muito curioso.

⁷⁶ Manuel de Brito Pimenta foi B. em S. Miguel do Castelo a

Pimentas
da
Aveleira

José Luís Pimenta de Souza e Menezes, Suc. 1705-68	Luís Pimenta de Távora e Lemos, Suc. -1770	José da Costa Pimenta, Suc. 1649-1720	Simão Dias Pimenta, Sr. da Casa de Aveleira 1649-1820	Baltazar Fernandes Catarina Gonçalves
		D. Catarina de Lemos e Távora	Catarina da Costa	Francisco Vaz de Brito Maria da Costa de Eça
	D. Rosa Maria de Souza e Menezes — 1709	Manuel de Souza e Menezes, Mestre de Campo da Comarca da Esgueira	Luís Coelho de Beça	Sebastião Coelho Felipa Dourado, nat. de Pernambuco
			D. Margarida da Silva, B	Diogo Gomes de Lemos, Sr. da Vila da Trofa D. Leonor Pinheiro de Atouguia
		D. Margarida Cristina de Souza e Vasconcelos	Damião de Souza e Menezes, F. C. R., capitão-mor de Aveiro e de Castelo de Salvaterra, nat. de Penteeiros	Sebastião de Souza de Vasconcelos, Sr. de Penteeiros e Francemil D. Joana de Noronha
			D. Joana de Távora, nat. de Carrazedo, Chaves	Gonçalo Guedes de Souza D. Francisca da Silva
	D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	Lourenço de Souza e Vasconcelos, Sr. da Casa e Torre de Figueiredo das Donas em Viseu	Pedro Barreto de Vasconcelos D. Maria Inês de Souza
			D. Joana de Seixas	Bento Fernandes de Seixas D. Maria de Cáceres
		D. Maria Faustina de Sequeira	Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	Belchior de Azevedo Vasconcelos Polónia de Carvalho
			D. Suzana de Magalhães e Lemos	Manuel da Rosa Soares de Carvalho cav. o x.º
		Francisco da Silva e Vasconcelos	Diogo Guedes de Sequeira	Jerónimo Guedes Pereira Faustina Carneiro de Sequeira
			Maria de Magalhães Monteiro	Gaspar Ferreira Monteiro Suzana de Magalhães de Carvalho
	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	D. Maria de Faria de Andrade	Francisco da Silva e Vasconcelos	Felipe da Silva D. Inês Mendes de Vasconcelos
			Maria de Pinho	Pedro Pinto Machado Maria de Pinho
		D. Maria de Faria de Andrade	Bartolomeu de Faria de Andrade, Morgado de Torrados, n. 20.7. 1639 † 19.8 1717	João de Faria de Andrade, Sr. da Casa de Alentem D. Giralda Machado de Miranda † 1639
			D. Serafina de Miranda	Diogo Ribeiro de Miranda Escolástica Peixoto

Colegiada, as pisadas dos tios. É à quinta da Costa, S. Romão de Mouriz, Paredes, que vai buscar a noiva, dona Catarina de Lemos e Távora, neta, por sua mãe, dos Lemos, Senhores da Trofa, e por seu pai, de Filipa Dourado, natural de Pernambuco⁷⁷. Só lhes encontro dois filhos: Dona Maria, baptizada na Oliveira a 24-4-1684⁷⁸, ainda solteira em 1712⁷⁹, e Luís Pimenta de Távora e Lemos. Juntos, a 31-1-1694, marido e mulher mandam uma procuração para «a praça e Recife de Pernambuco⁸⁰». Tomam posse de «toda a fazenda empregos dinheiro amsedado oiro e prata escravos he escravas he outras quaisquer coisas que forem e lhe pertencerem assim por sucessão de vivos como por herança...». O vento quente das praias pernambucanas aquece a Casa da Aveleira onde, a 11-9-1720, fecha os olhos, já viúvo, José da Costa Pimenta⁸¹, Familiar do Santo Offício⁸², senhor desta Casa e seus vínculos.

10.8.1673, f.º de José da Costa Pimenta e de Maria da Silva, solt.ª. Os padrinhos foram Manuel Ferreira de Eça, F. C. R. e Francisco Jorge, mercador. Fez justificação de idade a 31.1.1704 (N. 2 Oliv.ª). As Inquirições para Cónego são de 9.12.1690. o avô mat. era Domingos Fernandes, o Cochonilha (*Bol. Trab. Hist.*, vol. VIII, p. 72). «...entrou por Coadjutor do Conego Ant.º Dias Pimenta seu tio tomou posse a 16. xbro 1690 a morreo Presbitero e vogou a Roma aos 19 de 8.bro de 1715 a. pella madrugada pella huã ora dipois da meyaoute». in *Catálogo* citado na nota 64.

⁷⁷ V. nota 82.

⁷⁸ Foi bap. por seu tio o Rev.º Cónego Jerónimo da Costa Pimenta; os padrinhos foram Manuel Pereira Leite e Dona Jerónima Ferreira de Eça, m.ª de Gonçalo Lopes de Carvalho. (Olv.ª N. 2)..

⁷⁹ Até esse ano aparece como madrinha nos livros de Pencelo, depois não lhe encontro mais noticias.

⁸⁰ «Procuração Baste. q fazem Joseph da Costa Pimenta desta villa e sua m.ª D. Cn.ª de Lemos e Távora» a 31.1.1694. Tab. António Ribeiro (14-1-6), Arq. Mun. A Pimenta. A procuração é feita aos Doutores Francisco Rodrigues e José Coelho de Lemos, e também a Miguel Dias Pimenta (parente?), Manuel da Silva de Carvalho, P.º Vicente Pereira, Capitão Joaquim de Almeida e João da Cunha de Freitas, todos a viverem em Pernambuco.

⁸¹ Foi sepultado no convento de S. Francisco na sua capela de Nossa Senhora da Porciuncula. (M. 2 Pencelo).

⁸² O Processo para Familiar de Santo Offício de José da Costa Pimenta M. 4, n.º 66 está transcrito numa separata do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, n.º 142, Aveiro 1970: «O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Offício» de Jorge Hugo Pires de Lima. O habilitando chama-se José Pimenta de Eça e vem o nome e naturalidade de seus pais e avós, bem como a ascendência de sua m.ª, D. Catarina de Lemos e Távora.

Na Colegiada de Nossa Senhora, casara, a 19-2-1703, o sucessor, Luís Pimenta de Távora e Lemos⁸³. Muito fidalga é sua mulher, Dona Rosa Maria de Sousa e Meneses, descendente dos senhores de Pentieiros e Francemil⁸⁴, e pelo lado materno da Torre de Figueiredo de Donas, em Viseu. Poucos anos vive. A 10-7-1709, da Aveleira segue o seu corpo para o carneiro de Nossa Senhora da Porciúncula, em S. Francisco, aberto para o receber⁸⁵. Inocentes, ficam quatro criancinhas: Dona Luísa, José Luís, Dona Josefa e Dona Francisca⁸⁶. Na Aveleira, entregues aos cuidados do avô e duma tia avó, Dona Joana de Távora e Lemos⁸⁷, cresce, entre amas e mimos, mais uma geração de Pimentas.

Vivem também em Guimarães, no Terreiro das Freiras, a seguir à Rua de Santa Maria, mais acrescentos, mais modificações, possivelmente o mesmo sítio onde vivia Simão Pimenta. Aí têm «hü oratorio» Luís Pimenta de Távora e Lemos, e sendo algumas vezes para isso requerido «não ao quer mostrar p^a ser visitado; pelo q o havemos por suspenso»⁸⁸. Desleixa a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte «com a pedra da ara sem ser coberta e necessita de huma bolça das quatro cores, para os

A avó pat é Maria da Costa de Eça, apenas, sabendo-se, pelas inquirições dos netos cônegos, ser filha de Inês de Gois, que era viúva de Manuel Nunes da Costa. Nada posso adiantar sobre o costado Eça, dos Pimentas de Guimarães.

⁸³ (Olv.^a C 1). Os pais da noiva, já falecidos, tinham sido moradores na freg.^a de S. Martinho de Salreu, Bispado de Coimbra.

⁸⁴ *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, de D. António Caetano de Sousa, Liv. XIV, parte II, p. 802, onde são citados seus Pais e alguns irmãos.

⁸⁵ Misto 2 Pencelo.

⁸⁶ D. Luísa foi B. a 21.1.1704, na Colegiada. O pad.^o foi seu avô paterno, e os pais viviam na Aveleira (N. 4 Olv.^a); José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Menezes, n. na Aveleira, foi B. em Pencelo a 1.1.1705, os pad.^{os} foram o avô paterno e a tia pat., D. Maria; Dona Josefa, n. na mesma casa e foi B. a 16.2.1706, afillhada do tio, o Rev.^{do} Cônego Jerónimo da Costa Pimenta, e de D. Catarina. Freira em S.^{ta} Clara; e Dona Francisca, n. na mesma casa a 27.7.1708, B. a 29 em Pencelo, sendo padrinhos o avô pat. e o tio paterno, o Rev.^{do} Cônego Manuel de Brito Pimenta (N. 1. Pencelo). Pelo menos, Dona Francisca foi religiosa em S.^{ta} Clara.

⁸⁷ D. Joana de Távora e Lemos, cunhada de José da Costa Pimenta, fal. solt.^a na Q.^{ta} da Aveleira a 11.1.1718. Foi também enterrada na Capela da Porciúncula. M. 2 Pencelo.

⁸⁸ In *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. XII, p. 97.

corporais, de huas galhetas, de huma toalha p^a o altar e de concerto o forro nas partes em q está roto». Enfeita-a nas visitas com «ornatos todos emprestados»⁸⁹. Quanto à Capela de S. Francisco aparece mais cuidada. Luís Pimenta de Távora e Lemos, ou seu filho e sucessor, José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Lemos, enobrecem-na com uma pedra de armas.

Levantemos a cabeça, procurando decifrar o brasão, hoje em cima do altar de S. José. Armando de Matos em «*Pedras de Armas de Portugal*», fotografou-o e descreve-o: «...Época: século XVIII-XIX. Lição Heráldica: Classificação: heráldica de família. — Composição: esquartelada. — Leitura: ...? ...? ...? e LEMOS». Subimos ao coro; procuro um ângulo melhor. Vejamos. O primeiro quartel é também esquartelado: o primeiro e o quarto faixado e contrafaixado de muitas peças; o segundo e o terceiro com três vieiras. Como são as armas dos Pimentas? Esquarteladas: o primeiro e o quarto faixado e contrafaixado de prata e vermelho, de cinco peças; o segundo e terceiro de azul, com três vieiras de ouro. PIMENTAS, leio, sem fazer caso do escopo a bater o granito no exagero das muitas peças.

O segundo quartel é o de mais difícil leitura. Creio ver umas curvas na pedra mais ou menos acentuadas conforme os sítios. Ilumino-o com um facho de luz, percebo devagar: «cinco faixas onçadas» bastante danificadas. TÁVORAS, exclamo contente! Pimentas, Távoras, Britos... é Britos o terceiro quartel? À vista desarmada lembra mais o escudo dos Peixotos, todo xadrezado. Mas na fotografia vê-se, de onde a onde, nos quadrados, uns pequenos animais a lembrarem leões. As «nove lisonjas de prata, apontadas e firmadas nos bordos do escudo, postas 3, 3 e 3, cada lisonja carregada com um lião de púrpura», simplificadas pela ingenuidade do canteiro? Satisfeita com esta versão, sendo o 4.º quartel LEMOS, sem sombra de dúvida, transponho a linda porta gótica de S. Francisco. Digo. PIMENTAS, TÁVORAS, BRITOS e LEMOS.

Ao dar à luz, Dona Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos, oriunda da Casa do Salgueiral, em Mesãozinho, mulher de José Luís Pimenta de Távora Sousa e Meneses, não pensa, naturalmente não sabe, que, por ela, são seus doze filhos, futuros senhores da Aveleira, sétimos netos de João Álvares de Faria, o de Pencelo, remoto senhor destas terras. Ê assim.

⁸⁹ Mesmo vol., pp. 84 e 97.

Cai uma gota de orvalho duma pétala. Casa Briolanja de Faria, filha de João Álvares de Faria, com Pedro do Vale Golias.

Formam-se mais gotas, irisadas, devagarinho, são tão leves, a deslizarem na terra. João Ribeiro de Faria, o filho segundo, toma por esposa Helena de Andrade, irmã de Baltazar de Andrade, fundador do Convento de Santa Clara em Guimarães, armas dos Andrades na sua trabalhada fachada.

Correm os fios de água à procura de outros; uns, a encaiharem, a desaparecerem na terra; alguns a seguirem, alegres, contentes. Bartolomeu de Faria, sucessor, 4.º Padroeiro do Convento de Santa Clara, em Guimarães, Senhor de Torrados, é marido de D. Mécia Ferraz do Amaral, dos Senhores de Sezim. Deles nasce João de Faria de Andrade, que sucede a seu Pai, e é segunda vez casado com D. Giralda Machado de Miranda, que viria a falecer de parto.

Engrossam os ribeiros, cantam os regatos a desafiar o tempo. A 20-7-1639 baptizam-se Bartolomeu e Manuel, gémeos, filhos de João de Faria e de sua mulher Dona Giralda. Bartolomeu de Faria de Andrade e seu irmão Manuel Machado de Miranda, recebem, a 21-10-1654, na igreja de S. Pedro de Torrados, a duas irmãs: Dona Serafina de Miranda e Dona Maria Ana ⁹⁰. Do primeiro destes casais nasce Dona Maria de Faria de Andrade, avó paterna de Dona Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos ⁹¹.

Veloz, bem cheio, vai o rio dar a um grande lago: todos os filhos, e muitos são, de José Luís Pimenta de Tavora de Sousa e Menezes, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher Dona Madalena Bernarda. Dona Ana Rosa de Tavora, Dona Maria Teresa de Tavora, Luís Pimenta de Tavora e Lemos, Frei António, Dona Rosa Miquelina, Dona Josefa Eduarda, Francisco, Gonçalo Pimenta de Sousa e Menezes, Dona Madalena Bernarda de Lemos, José, Dona Francisca Angélica Pimenta, Vicente Pimenta de Lemos de Sousa e Menezes e João ⁹², todos os meninos da Avelreira.

⁹⁰ Estes baptisados e casamentos estão no M. 2 de S. Pedro de Torrados, Felgueiras — Arquivo Distrital do Porto.

⁹¹ V. *Árvore Geneológica dos Pimentas da Avelreira*.

⁹² D. Ana Rosa, n. na Rua de S.^{ta} Maria a 24.4.1741, foi bap. em S. Miguel do Castelo; foram pad.^{os} o avô pat. e Dona Maria Josefa de Jesus, religiosa em S.^{ta} Clara (Cast.^o N. 1); D. Maria Teresa, n. a 24.10.1742 na Rua da Infesta (penso que é tudo a mesma casa), B. em casa,

Quantos cambiantes, quantas vidas, quantas famílias a nascerem, quantos rios a saírem deste lago, cheio de ondas, de promessas: — a Casa da Aveleira, meados do século XVIII. Para quatro das filhas de José Luís Pimenta de Távora é apenas atravessar o Largo. Da casa do Terreiro das Freiras, a 25-3-1758, com quinhentos cruzados de dote, entram Dona Ana Rosa e Dona Maria Teresa de Távora para o Convento de Santa Clara ⁹³. Seguem-nas, ainda mais novinhas, a 4-2-1766,

particularmente, foi a 25.11. à Colegiada receber os Santos Oleos; os pad.^{os} foram Gaspar Leite de Azevedo Vieira Carvalhais e Vale, sr. da Casa do Salvador, e sua m.^{or} D. Leonor Maria de Távora e Menezes de Aragão (Olv.^a N. 6); Luís, n. a 26.10.1743 na Rua de S.^{ta} Maria, B. em S. Miguel do Castelo, afilhado de Francisco Luís da Cunha de Ataíde, Chanceler da Relação do Porto, com proc. a António Vicente de Vasconcelos (da Casa do Salvador), Cônego da Sé de Coimbra, e Nossa Senhora da Graça, imagem de S. Miguel do Castelo (N. 1 Cast.); D. Rosa e António «gêmeos ambos de hum ventre», a 11.12.1744, ib., os pad.^{os} dela foram Diogo de Sousa de Távora com proc. a Dionísio José Freitas do Amaral, e Dona Luísa Rosa; os dele, António Teixeira Alvares, com proc. a Gonçalo André de Carvalho e Napolé, e D. Isabel Rosa da Silva, desta v.^a, com proc. a Jácome Borges Pereira, de Braga; D. Josefa, n. a 11.4.1746 na Rua da Infesta, B. em S. Miguel do Castelo, afilhada do Dr. Fernando Pires Mourão, Dez.^{or} do Paço, por proc. ao Dr. José Leme Pacheco, Corg.^{or} em Viana, e de D. Josefa Engrácia de Menezes, por proc. ao P.^o Frei Caeetano Manuel, Rel.^o de S. Bernardo; Francisco, n. ib., a 10.5.1747, B. a 25 em S. Miguel do Castelo, os pad.^{os} foram Gonçalo Peixoto de Carvalho (da Casa de Pousada) e D. Francisca Angélica, relg.^a em S.^{ta} Clara, por proc. a Joaquim Leite de Azevedo. À margem diz — faleceu logo; (N. 1 Castelo); Gonçalo, n. na Aveleira a 10.1.1750, B. na Colegiada a 5.9, pad.^o o Dr. Luís Alves de Novegra e Febre e Boim (?), «que por estar ausente e se esperar por elle se dilatou o Baptisado» (Pencelo N. 2); D. Madalena, n. a 10.3.1751, ib., B. em Pencelo, afilhada do Rev.^{do} António de Abreu Lima de Vasconcelos Leite, Abade de S. Salvador de Rossas, por proc. ao avô pat., e Dona Ana, irmã do Bap.^o (id.); José, n. a 28.2.1753, ib., pad.^{os} António de Almeida Galafura. F. C. R., Padroeiro in solidum do Conv.^o de N. Sr.^a da Piedade, em Lamego, Mestre de Campo de Inf.^a, Gov.^o da Fortaleza de S. João da Foz, por proc. ao avô pat., e D. Maria, irmã do Bap.^o (id.); D. Francisca, n. a 4.2.1755, ib., Pad.: seu irmão Luís Pimenta de «Távora» e Sousa com proc. de Francisco Monteiro de Azevedo, da Casa do Salgueiral, Mesãofroio (id.); Vicente, n. a 21.11.1756 ib., afilhado de seu avô pat. (id.); João, n. a 30.8.1758, ib., pad.^{os} seu irmão António e seu irmão Luís com proc. de D. Juliana Luísa de Menezes, m.^{ora} em Águeda (ib.).

⁹³ «Dote da D. Ana Rosa de Távora e D. Maria Tereza de Távora sua Irmã desta v.^a», a 25.3.1758. L.^o do Tab. Paulo Mendes Brandão, Arq. Mun. A. Pimenta (22-2-64).

Dona Rosa Miquelina e Dona Josefa Eduarda ⁹⁴. E as outras? Há mais duas... Ambas velhinhas, Dona Madalena Bernarda e Dona Francisca Angélica, morrerão solteiras ⁹⁵, sem história, sem vida, sem nada para dizer.

A 4-12-1768, de um acidente na vila de... ana, morre o Pai, José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Meneses; conduzido a Guimarães é sepultado no carneiro de S. Francisco ⁹⁶. Ano e meio depois, a 4-5-1770, desaparece o avô, Luís Pimenta de Távora e Lemos, que por despacho de Sua Alteza Sereníssima recebe sepultura no Convento de Santa Clara ⁹⁷. Restam os filhos de José Luís Pimenta de Távora. São quatro, pois dois, Francisco e João, pequenos ainda voaram para Deus. E com os outros, nesta época agitada das invasões francesas, o povo e a nobreza à espreita do inimigo em todas as quelhas e caminhos, que queremos agitar as águas do lago, fazendo-as saltar, correr adiante, levar pelas gerações o sangue dos Pimentas da Aveleira.

Freire em Tomar, no Convento de Cristo, sabemos de Frei António. Com a vida dos três que faltam escreveremos uma longa história. Vamos a ver. Luís Pimenta de Távora e Lemos, sucessor, falece solteiro em 1812 ⁹⁸. Também sem estado «a 17-5-1825, morreu Gonçalo Pimenta na sua Q.ta da

⁹⁴ «Dote p religiosas de Santa Clara de D. Rosa Vio'ante e D. Josefa Eduarda, f.ªs de José Luís Pimenta de Lemos, desta v.ª», a 4.2.1766 no L.º de notas do Tab. Domingos Fernandes Rocha, Arq. Mun. A. Pimenta (13-4-22). A morte de D. Rosa mencionada no testamento de seu irmão Vicente é registada por Pereira Lopes nas suas «Efemérides»: «1827 Dezembro Dia 28 — Morre uma religiosa de Santa Clara, irmã dos Pimentas. Foi sepultada no seu convento». In *Gil Vicente* Velharias Vimaraneses, 3.º vol., II, 11 e 12.

⁹⁵ «Dentro das grades da Capela Mor, na campa junto do Altar de N. Sr.ª May de Deos, foi sepultada D. Magdalena Bernarda de Lemos e p.ª constar fis este Assento no dia do seu enterro aos 27 de Dezembro de 1823. Conv.º da M.ª de Deos», in *Boletim de Trabalhos Históricos* — «Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiosas da Madre de Deos desta Villa de Guimarães feito aos 20 de Nobr.º de 1793», vol. III, n.º 3, p. 113. «2 D. Francisca Angélica Pimenta de Lemos, usufrutuaria da Casa, que faleceu solteira e velha, a 14-X-1844», in *Últimas Gerações*, de José de Sousa Machado, Costado 91, Casa da Aveleira.

⁹⁶ O 3 Oliveira, Arq. Mun. A. Pimenta. Não se entende em que vila é que foi o falecimento.

⁹⁷ Mesmo livro, que a nota anterior.

⁹⁸ Notícias que fomos buscar às *Últimas Gerações*.

Aveleira em Pencelo. Veio em umas andas para a Igreja das Capuchinhas onde foi enterrado no dia 19 de manhã⁹⁹. Por fim, a 18-2-1834, é aberto o testamento de Vicente Pimenta de Lemos¹⁰⁰, Fidalgo da Casa Real, Senhor da Aveleira, morador no Terreiro das Freiras. Mais nada. O lago, o sonho de o mexer, pára. Das águas cheias de promessas e frescura, não brotam nascentes, não continua a vida.



Ao abrirem o testamento de Vicente Pimenta de Lemos há uma surpresa: todos os bens vinculados, deixados em usufruto a sua irmã Dona Francisca Angélica Pimenta, irão para «meo primo Domingos Manuel Machado de Miranda»¹⁰¹, Senhor da Casa do Ribeiro, em S. Cristóvão de Selho, Moço-Fidalgo

⁹⁹ *Gil Vicente*, n.ºs 5 e 6, 2.ª série, 1926 «Velharias Vimaraneses». No *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. III, p. 114 lê-se: «Dentro das grades da Capella-Mor junto da Imagem de S. João Nepomuceno. foi sepultado o ill.^{mo} Gonçalo de Souza Pimenta, e p.^a constar fiz este assento no dia do seu enterro que foi em 19 de Maio de 1826 M.^{do} de D.^s de G.^{os}».

¹⁰⁰ «Reg.^o do Testm.^{to} com q falesceo Vicente Pimenta de Lemos morador no Terreiro de S.^{ta} Clara desta v.^a de Gui.^{mes}». L.^o 79 (numeração antiga) dos Testamentos Cerrados, p. 215, Arq. Mun. A. Pimenta (14-5-7). Neste testamento deixa o usufruto a sua irmã D. Francisca Angélica Pimenta, e a raiz dos bens vinculados a «meo primo Domingos Manuel Machado de Miranda». Os testamenteiros serão o Bacharel Manuel António de Lima Peixoto, a quem, como prémio, deixa o Casal de Lagoa, em S. Cláudio do Barco, e do Carvalhal, em Pencelo; seu primo, José Augusto de Azevedo, (da Casa do Salgueiral) recebe a raiz da quinta de Cabo de Vila, em Santa Maria de Resende em Gestaçô, e seu escudeiro, António Gomes da Silva Ribeiro, a quem deixa mais legados e o Casal de Gualtar, Pencelo. Sua irmã, Dona Rosa Miquelina, freira em S.^{ta} Clara, é também contemplada. E Fid. da C. R., e ordena que seu corpo seja enterrado na Igreja das Religiosas Capuchinhas. No codicílio, feito mais tarde, deixa por sua herdeira, depois da morte da irmã e conservando os legados, a Dona Leonarda Rosa Branca.

Lê-se no *Bol. de Trabalhos Históricos*, n.º citado na nota 95: «1834 — Dentro das grades da Capela Mor junto ao Altar de N. Sr.^a da Madre de Deos foi sepultado Vicente Pimenta de Lemos e p.^a constar fiz este assento no dia do seu enterro que foi a 3.2.1834».

¹⁰¹ Tendo tantos parentes mais chegados, embora, segundo julgo, nenhum pelo costado Pimenta, não percebo porque é que o vínculo foi deixado a Domingos Manuel Machado de Miranda, com quem tinha longínquo parentesco. Domingos Manuel era f.^o leg.^o de Domingos António Peixoto, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Sr. da Casa do Ribeiro, em S. Cris-

da Casa Real por Alvará de 15-2-1803, Fidalgo da Cota de Armas ¹⁰². Lêem também o codicílio, feito no dia a seguir à morte de Domingos Manuel ¹⁰³: «será minha herdeira sua única filha Dona Leonarda Rosa Branca de Miranda».

Casa Dona Leonarda Rosa Branca com José Pinto Coelho Guedes Cardoso de Macedo e Meneses, Senhor da Casa de Simões, em Moure, Felgueiras, e dos Morgadios de Fontelo, em Armamar, e de Cepões, em Lamego, Moço-Fidalgo, Coronel de Milícias de Arouca ¹⁰⁴. Têm seis filhos: cinco homens e uma

tóvão de Selho, e de sua m.^{er}, D. Leonarda de Saldanha e Miranda, neto pat. de Veríssimo Peixoto, sr. da mesma Casa, e de sua m.^{er} Maria Antónia Pereira neto mat. de Manuel da Fonseca de Azevedo, Mestre de Campo em Minas, Brasil, F. C. R., e de sua m.^{er} D. Rosa Branca Ribeiro de Miranda. Esta senhora era f.^a de Tristão Ribeiro de Miranda, sr. do Morg.^o da Torre, em Idães, e de sua m.^{er} Emerenciana Peixoto da Silva. Tristão Ribeiro foi f.^o e sucessor de outro de igual nome, irmão de Diogo Ribeiro de Miranda, 4.^o avô de Vicente Pimenta de Lemos, como pudemos ver na Árvore Genealógica dos Pimentas.

¹⁰² Carta de Armas de 22.6.1767 (Peixotos Pereiras FONSECAS e MIRANDAS) Reg.^a no Cart. da Nobreza, 1.^o I, p. 50, in *Archivo Heráldico Genealógico*. Estas armas acham-se no portão da Casa do Ribeiro e na casa da família Simões, nas Molianas, em Guimarães.

¹⁰³ In «Velharias Vimaraneses» «— 1927 — Dezembro — Dia 6 — Faleceu Domingos Manuel do Ribeiro (Síndes) na sua quinta de Ribeiro, e foi sepultado na capela da mesma, no dia 8.». *Gil Vicente* N.^{os} 11 e 12 3.^o vol. — 1927.

¹⁰⁴ Era f.^o Herd.^o de João Pinto de Macedo Coelho Pereira Cardoso, Sr. da Casa de Simões, Morgado de Fontelo e Cepões, Moço-Fid., e de sua m.^{er} D. Joaquina Jacinta de Mello e Freitas, legitimada por seu pai. neto pat. de José Pinto Coelho Cardoso de Macedo, Sr. dos mesmos Morg.^{os} e de sua m.^{er} e prima D. Mariana da Silveira Peixoto, e neto mat. de Rodrigo de Freitas e Castro e Me'l, sr. da Casa de Surribas, em S. Paio de Vizela, e da Lagoa de Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, M. Fid. e de Custódia. O seu bisavô pat. era f.^o 2.^o de João Pinto Coelho, Sr. de Felgueiras e Vieira, descendente em varonia de Gonçalo Vaz Guedes, Gov. do Brasil, c. c. D. Maria Pinto Pereira, Herd.^a do Senhorio de Ferreira e Tendaes. Os Morg.^{os} de Fontelo e Cepões vem pela bisavó, m.^{er} do bisavô pat., D. Caetana Filipa de Vasconcelos, que descendia, por senhora, de Domingos Cardoso da Fonseca e Menezes, sr. desses vínculos (F. G. Cardoso & 32 e 33). D. Mariana da Silveira Peixoto era f.^a de Francisco José Cardoso de Alarcão (f.^o 2.^o de Gonçalo Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, Sr. do Morg.^o da Rua Escura, em G.^{os}, etc., etc., e de sua m.^{er}, D. Paula Maria de Alarcão (Herd.^a) e de sua m.^{er} D. Josefa Margarida da Silveira, Sr.^a de Felgueiras, Vieira e Fermedo (neta de João Pinto Coelho, acima-). O avô materno, Rodrigo de Freitas de Castro e Mello, vem citado em *Velhas Casas* (V), Casa de Pousada, p. 85.

senhora ¹⁰⁵. Depois, a 2-6-1869, é «sepultado no Carneiro dos Pimentas, junto ao Altar da Porciúncula na Igreja de S. Francisco, o administrador do mesmo José Pinto Coelho Guedes, da Casa de Simões, morador no Terreiro de Santa Clara. Foi o último cadáver que entrou neste carneiro» ¹⁰⁶.

Durante quatro gerações pertenceu a Aveleira à família Simões, senhores de lindos solares em muitas terras, linhagem antiga, casa em Guimarães, nas Molianas. Histórias pitorescas de excentricidades ouvidas nas salas. Histórias a recordar, a desenrolar, a escrever. Corre o tempo. A Aveleira segue, meia abandonada, o vento a levantar-lhe as telhas, a estremecer com força as suas janelas. A 27-5-1965 Ângelo Pinto Coelho Guedes de Simões, bisneto na varonia de José Pinto Coelho Guedes Cardoso de Macedo e Meneses ¹⁰⁷, vende a casa e a quinta a Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral ¹⁰⁸.



¹⁰⁵ Foram: a) José António Pinto Coelho Guedes, Sr. da Casa de Simões, n. a 13.10.1831 † solt.º a 10.10.1909 s. g.; b) D. Emília Eduarda de Noronha Pinto Coelho Guedes, sr.ª da Casa das Molianas, n. 16.10.1834, † a 19.9.1922, c. c. Bernardino Rebelo Cardoso de Menezes, n. Vila Real a 24.2.1843 † em Guimarães a 27.2.1920, irmão da 1.ª Condessa de Margaride, s. g.; c) João Dinis Pinto Coelho Guedes, Sr. da Casa do Ribeiro, n. a 26.10.1836 † a 16.11.1912, Moço-Fid., Oficial do Exército, c. c. D. Lucinda Pereira, s. g. que ficou herd.ª universal do marido passando a 2.ª nupcias; d) Duarte Egas Pinto Coelho Guedes de Simões, Sr. da Casa de Fontelo, em Armamar, B.ª em direito. n. a 11.10.1837 fal. solt.º a 21.9.1906. M. F. C. R. O Despacho de 3.5.1869 «concede-lhe as honras de moço-fid. por ele ser de maior idade e não poder ter exercido de seu foro como lhe competia», in «Velharias Vimaraneses», vol. citado na nota seguinte; e) Domingos Pinto Coelho Pereira da Silva Guedes de Simões, Sr. da Casa de Simões, General de Artilharia. n. a 14.4.1839 e † 11.7.1920. Na sua descendência, legitimada por subsequente matrimónio, acha-se hoje a representação desta grande Casa; f) Augusto Eduardo Pinto Coelho Guedes de Simões, n. em 1843 e † a 2.10.1931 c. c. D. Augusta Albertina Leite de Sousa, c. g.

¹⁰⁶ «Velharias Vimaraneses» in *Gil Vicente*, vol. XX, N.ºs 3 e 4.

¹⁰⁷ N. em 5.1912, funcionário da «Sacor», c. c. g. Filho de João Pinto Coelho de Simões e de sua m.ª D. Cristina Teixeira de Sousa, neto de Augusto Eduardo Pinto Coelho Guedes de Simões, é o único descendente de José Pinto Coelho Guedes Cardoso de Macedo e Menezes, onde se mantém a varonia legítima.



A Casa da Aveleira vista pelo Pintor António Lino

Para escrever umas pequenas notas sobre Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral¹⁰⁸, há duas maneiras. Uma, entrar na Aveleira, casa que muito amou. A outra, à tardinha, ir até à Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Mas a Aveleira, o austero granito das suas paredes lisas, a capela restituída ao culto — janela rasgada para da porta da casa se poder ouvir Missa —, a varanda, nas traseiras, de rótulas de madeira, os recantos do jardim onde com tanto calor recebia, toda a casa, quase toda renascida por ele e sua mulher Dona Maria Filomena de Campos Trocado¹⁰⁹, está ainda silenciosa, recolhida na sua dor, espantada por não o ver.

Vamos então à Colegiada. Toda a graça do gótico nas suaves curvas dos arcos, na beleza das linhas e figuras, toda a mansa paz da luz coada, anos e anos cobertas por pesada massa de estuque e gesso, agora a descoberto sob a inspiração do Engenheiro Duarte do Amaral, interrogadas, nos falam dele, da sua vida, da sua obra¹¹⁰.

¹⁰⁸ N. em Guimarães a 13.9.1909 † em Lisboa a 15.7.1979. Engenheiro Civil (U. P.), membro da ext.ª Direcção Geral dos Caminhos de Ferro e Sec. do ant.º Pres. do Cons. de Ministros e Ministro das Finanças, o Doutor António de Oliveira Salazar, Del. do Gov. junto à Rádio Renascença durante a 2.ª Guerra Mundial, Pres. da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos Pres. do Cons. Fiscal da Comp.ª Nacional de Navegação, Deputado da Nação (Assembleia Nacional), Vice-Presidente do Conselho da Administração da «Sacor», membro dos Cons.s Superiores da Indústria e dos Combustíveis. Grã-Cruz da O. do Infante, Com.or da O. de Cristo, Cav.º da O. de Malta e de S. Gregório Magno, Medalha de Ouro da Cidade de Guimarães, Medalha de Prata de Reconhecimento Poveiro, cidadão Honorário da Póvoa de Varzim, sócio Hon. da Sociedade Martins Sarmento, dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e Irmão Gracioso da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

¹⁰⁹ N. na Póvoa de Varzim a 8.7.1913, f.ª do Dr. Josué Francisco Trocado, Com.or da O. de S. Gregório Magno, professor e compositor musical, e de sua m.ª D. Maria Alves de Campos. sr.ª da Casa do Monte das Dores, na Póvoa do Varzim, neta pat. de Francisco Luís Trocado Júnior e m.ª D. Maria Emília da Cruz e Campos, net. mat. de João Fernandes da Silva Campos (sobr.º do 1.º Barão da Póvoa de Varzim) e de sua m.ª D. Carolina Alves da Costa, todos nat.ª da Póvoa. In «Pintos Álvares de Carvalho», de Armando de Sacadura Pinto, *Armas e Troféus*, II Série, Tomo VIII, 1967.

¹¹⁰ A românica e gótica Igreja da Colegiada foi em meados do séc. XIX, por ordem de vários cônegos e colaboração do Pintor Roquemont, toda coberta de estuques e madeiramentos, ao gosto neo-clássico. Inspiradas por Duarte do Amaral, começaram em 1967 «com saber profundo, muito carinho, grande atenção e a maior largueza» (v. «A Cole-

Vida e obra, que ele próprio, no seu último discurso ¹¹¹, nos explicou e contou. Esquecendo-se, de propósito, da muita gente que ajudou e empregou, do bem que a muitos fez. Vida que se esperava, ao ver o seu aspecto sólido e saudável, ser muito mais longa, junto à mulher e aos filhos, a ver crescer os netos ¹¹². Deus não quis. A 16-7-1979, em Lisboa, fechou os olhos Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral, engenheiro, Senhor da Casa da Aveleira. Filho do Coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas, neto materno de António Mendes Ribeiro, industrial da Rua de Couros, Cavaleiro de Cristo; quarto neto na varonia de Manuel Pinto Álvares de Carvalho, sargento-mor de Guimarães, oriundo de Basto, e, por sua avó paterna, de Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, de um ramo reconhecido da Casa de Sezim ¹¹³, Fidalgo da Cota de Armas, Senhor da Casa

glada de Guimarães», discurso pronunciado a 7.3.1967 na Assembleia Nacional), as obras de restauro, voltando a Igreja à sua primitiva beleza. Uma das principais vozes a levantarem-se pelos interesses de Guimarães, aos quais se devotava com grande energia, ao Eng.º Amaral se devem muitas iniciativas, culminando, poucos dias antes da sua morte com o 1.º Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada (Junho 1979).

¹¹¹ Publicado no *Notícias de Guimarães* de 22.6.1979.

¹¹² Filhos: 1) Duarte Pinto de Freitas do Amaral n. em G.ª a 29.10.1937, † a 6.8.1941. 2) Pedro Pinto de Freitas do Amaral, n. em Lisboa a 14.10.1938, † a 7.10.1941. 3) Diogo Pinto de Freitas do Amaral, n. na Póvoa de Varzim a 21.7.1941. Lic. em Direito, Professor Doutor, Presidente do C. D. S., actual Vice-Primeiro Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros; c. na Igreja de S.ª M.ª de Sintra a 31.7.1965 c. D. Maria José Salgado Sarmiento de Matos, f.ª do Dr. José Sarmiento Osório de Vasconcelos de Matos e de sua m.ª D. Maria do Carmo Roma Machado Cardoso Salgado, neta pat. do Dr. José de Matos, advogado, e de sua m.ª D. Maria Luísa de Moraes Sarmiento Osório de Vasconcelos e Castro (Moimenta da Beira), neta mat. de T.ª Cor. António Maria Pinto Cardoso Salgado, e de sua m.ª D. Maria José Roma Machado de Faria e Maia. Filhos: a) Pedro Pinto Freitas do Amaral, b) Domingos Freitas do Amaral, c) D. Filipa Pinto Freitas do Amaral e d) D. Joana Freitas do Amaral. 4) João Pinto de Freitas do Amaral, n. em Lisboa a 30.5.1948, c. c. D. Inês Fernandes Marinho, n. a 5.4.1946, f.ª de Henrique Pascoal Marinho e de sua m.ª D. Maria do Céu Pereira Fernandes. F.ªs: a) Duarte Marinho Freitas do Amaral n. 27.11.1971 e b) D. Mariana Marinho Freitas do Amaral, n. 4.7.1974.

¹¹³ Gaspar Alvares, de S. Romão do Corgo, Celorico de Basto, (v. obra citada na nota 110), foi 3.º avô de Manuel Pinto Álvares de Carvalho, Sargento-Mor de Guimarães, sr. das Casas do Guardal, nesta vila, e da de Atães, em Fermil, avô, por sua vez, de João Pinto de Carvalho Teixeira de Sousa e Silva, B.ª em Leis, sr. das referidas Casas, Med. de

do Guardal, em Guimarães, e, por compra, da capela de Nossa Senhora das Neves, no Convento de S. Domingos ¹¹⁴, pertença em eras remotas dos Senhores da Aveleira, linda casa chamada à vida por Duarte do Amaral, grande Vimaranesense.

Maria Adelaide Pereira de Moraes

Fidelidade ao Rei e à Pátria com a Real Efigie (conc. pelo próprio Rei D. Miguel), Ver. da Câmara de G.^{es}, Proc. às Cortes, Embaixador no Rio de Janeiro, Fid. da C. A. por C. de 28.1.1817 (Sousas de Aronches, Carvalhos, Pintos e Silvas). Casou a 27.2.1823 em G.^{es} na igreja de S. Sebastião c. D. Maria da Alegria Peixoto do Amaral e Freitas (bisavós, na varonia, do Eng.^o Duarte do Amaral), f.^a nat. e herd.^a (hav. em Josefa da Silva), de Domingos do Amaral Peixoto e Freitas, suc. a seus pais, f.^o de Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, Cav.^o da O. de Cristo, Fid. da C. A. por C. de 15.11.1738 (Amaraes e Freitas). sr. da Capela de N. Sr.^a das Neves, ou Formosa, no conv.^o de S. Domingos em Guimarães, suc., e de sua m.^{er} D. Mara Rosa Correia da Silva, sr.^a da Casa do Salgueiro, Vila Nova de Famalicão; neto pat. de Domingos Peixoto do Amaral. escritura da Cam. de G.^{es}, que foi ao Brasil donde veio rico, sr. da Casa do Guardal (f.^o nat. de Fernão de Freitas do Amaral, Chantre da Sé do Porto, primogénito da Casa de Sezim, vínculo da Casa Nova com sepultura nos claustros da Colegiada, srs. da capela de S. Braz, na mesma Colegiada), e de sua m.^{er} D. Tomázia Ferreira da Maia, sr.^a da quinta do Barreiro e capela de N. Sr.^a dos Anjos, em St.^a M.^a do Souto.

Pela avó pat. descende o Eng.^o Duarte do Amaral dos Leites, da Casa da Eira, em Vila Fria, no conc. de Felgueiras e dos Sampaio, da freg.^a de Jogueiros, do mesmo conc., abastados proprietários. O avô materno Antão Mendes Ribeiro, Com. or da O. de Cristo e da Concelção. industrial de cortumes, ver. da Câmara de G.^{es}, Dir.^{tor} do Banco Comercial de G.^{es}, Ministro e Prov. de várias O. Tercelras e Irmandades de G.^{es}, é oriundo de Silvares, onde viviam seus trisavós, fixando-se seu pai em G.^{es}, na Rua de Couros.

¹¹⁴ V. nota 4. «...voltou à propriedade do convento e em 7 de março de 1748 foi adquirida por compra feita aos religiosos, por Fernando Peixoto do Amaral pela quantia de 100\$000 reis e obrigação de prover à fabrica». Na parede do lado do Evangelho mandou o comprador gravar a seguinte inscrição:

ESTA CA
PELA HE DE FERN
ANDO PXTO DO AMAL
E FRETAS CAVALRO NA OR
DEM DE XPTO E DE S. MER
D. MA ROZA CORA DA SA
E D SEUS ERD.OS

in *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, p. 104. Na sacristia de S. Domingos estão, na parede, as Armas da Casa.

APÊNDICE I

1514 — Março 18.

Senhor. Partidos que fomos de portugall viemos teer a alicante em oito dias, donde tres dias que esteuemos foi a gente tanta sobre nos que hera cousa maravilhosa de ver, que eramos velados da gente e das barcas, que dentro na naao e fora estava, com tanta confusam que nam sabiamos que fazer: partimos dali e viemos ter a iuiça, donde estiuemos alguuns dias, onde sempre se velava a nao por amor da gente. e dali partimos e arribamos a malhorqua ,onde estiuemos dez ou XII dias, omde em todos estes dias foi tanta a gente que continuadamente avia derador da nao cem batees, e sempre os castellos da naao tomados e ha gavea, onde vieram todos os fidalguos de malhorqua e asi molheres que nom ficou gente na cidade: e dali partimos e corremos asaz fortuna em que nos vimos em grande periguo, e arribamos a porto ercoles, donde desembarquou todo o ho fato e ho embaixador por terra com toda a gente, e heu fiquei na naao com ho alifante, sem poder achar galeam nem barqua que ho quisesse desembarquar com medo de ho alaguar, e socorri me ha justiça da terra que me dessem licença pera tomar hum galeam por força; esquipei ho batel da naao com XV ou XX homens e tomei hum galeam e mandei ordenar pontes com que ho tirei com grande trabalho; e porque se esperava esta naao com grande devaçam, foi a nova espalhada de nossa chegada, por toda ha terra e pella comarqua de sena, cujo porto he o em que desembarquamos, que todo mundo correo dos lugares derador ali donde estavamos. Junto com ha terra pera tirar ho alifante nom avia remedio poder sair com furia grande da gente, que estavam os campos e ha praia coalhados: ao outro dia estive ali, que hera domingo, e haa segunda feira me parti pera roma e levei toda a gente tras mim que ali estava e de cada vez que hia adeante crecia mais, e entrando em huma terra chamada montalto me sairam a receber mais de cento de cavallo, de maneira que hia tanto bem acompanhado que mais nom podia ser. Dali me parti com fadigua por os caminhos serem muito maaos de lamas muito grandes e estavam os homeens em paradas, e chegando a huma cidade chamada corneto, bem duas leguoas de fora vieram mais de duzentos de cavalo e Infinda outra gente asi homens como molheres. Ja os vilãaos que trazia tras mim, que se alonguavam de seu gua-

dos XV e XX milhas, era cousa pera folguar de ver: entrei na cidade e entrado que foi na estalagem, foi loguo toda destelhada e destruida que nunca tal confusam vi, de maneira que nam soube que fazer senam levalo ao meio da praça, e ainda asi nam avia remedio de viver con ha furia da gente: e dali me parti bem acompanhado, sem medo de errar ho caminho ou ser saiteado, caminho de civita velha que me parece nam vinha por caminho se nam por dentro de huma cidade segundo os campos eram cheos: em civita fui muito bem recebido, e porque chovia muito me detive ali dous dias dando asaz ganho aas osterias, que nam avia em civita donde alojar, nem nunca tanta gente se ali vio, segundo elles diziam.

Parti me dali pera roma e fazia muito pouquo caminho por as lamas serem grandes e o alifante vir cansado: nam sei contar a vosa alteza por honde vim, que heu nam via outra cousa senao sempre gente, nem valeo a chuva, nem lama, nem nada: muitos barões, que estavam em suas terras, vieram a ver o alifante e queriam me levar por seus castellos rogando me com grande instancia, e heu escusei me ho melhor que pude por me nam desviar do caminho, e elles se hiam comigo espantados de ver tal cousa contando os louvores de vosa alteza, e nam se podiam apartar hindo avante por casaes e estalagens muito maas e pequenas, porque atee roma nem ha povoagam nenhuma, arribando a huma chamada mala grota, sete ou oito milhas de roma, donde nunca foi homem, nem esteve senam hum muito desaventurado. estando de noite vieram dez ou doze condes e duques desta romanha com tochas a ver o alifante, que nam avia vagar de viver nem durmir, e vinham de mais de XV ou XX milhas e perdidos do frio e da chuva: sendo menhaam nam me percato senam quando vi vir frades de ouservancia e pôr se no meio do campo a dizer misa; creio que traziam pedra e cal para edificarem: e estive ali dous ou tres dias e ali vieram alguns cardeais de roma e fingiram hir aa caça por hir ver ho alifante, e asi outra gente muita.

Parti me dali caminho de roma, omde avia homens postos em parada, e saio muita gente ao caminho de senhores e bispos e molheres em mulas, e por ser cedo me puz huma milha de roma em huma quintam aguardando pella noite; ali foi tanta gente que pôs por terra ha quintaam: caminhei de noite com a tocha e fui me haa estancia que tinha apeguada com os muros de roma, e hera casa forte de hum romano, com grandes pomares

e vinhas a derador, a qual foi toda destruída pella menhaam que foi huma piedade de veer: e dali ho mudei pera outra estancia defronte muito mais forte e foi isso mesmo destruída dos homens de cavallo e de pee que hali vinham: foi forçado mandar o papa ali homens besteiros de sua guarda, os quaes pouco aproveitaram: ali vieram a ver ho alifante as Irmãs do papa com muitas molheres fermosas e ho cardeal cornaro e ho de sena e outros com ho d'araguam desconhecidos e muitos bispos e Senhores romanos e infinda outra gente, com os quaes tive mais pena e trabalho do que em minha vida tive, porque nam hera cousa de ver que se matavam os homens rasamente, e traziam piquos com que picavam as paredes, e escadas com que subiam per janelas: portas fortes eram loguo feitas em trezentas rachas. ali estive quatro ou cinco dias purgando meus pecados, porque nom podiamos fazer a entrada pella diversidade do tempo que hera muito maa. Depois foi concertada a entrada pera os XII deste mez, que foi ho domingo passado, e levei ho alifante a huma casa grande donde se faz a artelharia do papa, porque em outro luguar nam se podia bem concertar, e ali vieram muitas parentas do papa com outra sua irmãa e infinda outra gente, que nam podia fazer nada, nem tinha remedio; e ho papa porque soube isto mandou a sua guarda dos soços toda, a qual defendeo a gente atee que heu concertei o alifante como avia de hir; e acabado de lhe meter o reposteiro de brocado fiquei espantado de ho ver, porque creceo hum grande palmo depois da nosa partida: hia tam fremoso, sendo muito feo, que hera cousa gentil de ver. Começamos de fazer nosa entrada aas duas oras depois do meio dia com grande revolta de tempo e chuiva, e entrando pella porta amostrou deus grande milagre, começou de fazer muito grande sol e dia bem craro atee nossa chegada a casa, e nam ficou homem nem molher que nam dissesse craramente que noso senhor a olhos vistos prosperava todas as cousas de vosa alteza, e suas grandezas se publicavam por boca de todos.

Quantos embaixadores e senhores avia em roma eram presentes mais do que nunca se fez em entrada nenhuma: a gente era cousa espantosa de ver, que os telhados era cheos e tinham feito palanques nas ruas atee a casa donde aviamos de hir, que he do paço por donde entramos mais de meia legoa: quando a gente vio tantos homens de colares riquos douro e muito bem encavalguados e ataviados pasmavam em verem tal familia:

e depois vinha loguo ha onça muito bem em ordem, e de traz o alifante, que os espantava de todo e heu loguo apeguado ali cheo de sedas muitas haa usança da terra, que por ser official de vosa alteza me foi forçado tirar as barras que de portugual trazia; depois vinham esses gentis homens fidalgos asaz riquos e cheos de perlas, antre os quaes vinha huum luis afonso da silva portugues, que veo de napoles aqui a servir vosa alteza, com tres ou quatro ginetes com grande livré e atavio de sua pessoa; depois vinham os embaixadores com grande honra e muito riquos: chegados que fomos ao castello, donde o papa com todos os cardeais estava pera nos ver, o alifante fez hum grande reverencia e deu tres brados grandes; segundo estavam ali tinas de agoa pera isso aparelhadas, começou a burrifar toda a gente que ali estava e fez cousas maravilhosas e muito milhores do que cuidei, nem do que esperava; e saiba vosa alteza que ainda que ho quisera avisar como a hum homem, que o nam pudera milhor fazer, de maneira que ho papa e os cardeais ficaram espantados e pasmados: passámos adiante proseguindo noso caminho por o meio e milhor da cidade, que he por rua de banquos e por campo de frol, e segundo a gente vi creo que ho resto de roma estava despovoado; parecia outra cousa a ver tal fermosura de gente; nem se alembram os homens que de cem annos a esta parte tanta gente junta se visse em roma, porque de toda a romanha avia mais de dous meses que eram aqui vindos homens soamente pera verem esta entrada e este alifante: acheguámos a casa jaa quasi noute, e entrando pella porta torna a chover como em primeiro muito rijo, que nam fez bom tempo senam em tanto que entrámos, e todo ho mundo dezia isto ser milagre. e metido ho alifante na casa e ho roldam da gente tras mim que me matava, toda a noite foi e veo da que estava esperando soo pera ho ver e ir-se pera suas casas fora de roma; e asi atee oge cada dia corre toda roma que he a maior pena do mundo: daqui a dous dias ou tres creo que se dará ao papa: isto he o que neste caminho atee aguora se passou: noso senhor a vida e real estado de vosa alteza sempre prospere.

De roma a XVIII de março de 1514 — Nicolao de faria.

Esta carta está publicada no «Corpo Diplomático Português», Tomo I, Lisboa, Tip. da Academia Real das Sciencias, MDCCCLXII, pag.s 238 a 242.

APÊNDICE II

«Le docteur Jean de Faria, chevalier de l'ordre du Christ, sur lequel le Roi jeta som devolu pour remplacer son ambassadeur que venait de mourir etait «um magistrat de grand valeur, très versé dans la jurisprudence civile et canonique et que, ne se laissant pas seduire par les utopies, qui n'existent que dans les livres et qui constituent en general le point faible des savants, était, considéré comme doué d'une des meilleurs intelligences du Portugal» (Marquis de Resende, *Panorama*, vol. XI, p. 225). in «*Le Portugal et le Saint Siège*», vol. II, p. 66.

Arrivé à Rome vers le fin de février 1512 — après un voyage qui n'avait pas duré moins de deux mois (p. 67) ... Il est très regrettable que les instructions données par le Roi a son envoyée ne soient pas parvenues jusqu'à nous (p. 70) ...regrettables lacunes qui existent dans la conrespondence de Jean de Faria avec son souverain (p. 70). Estava latente o conflito «de l'elevation aux honneurs de la pourpre de D. Martinho da Costa archeveque de Lisbonne que le Pape avait décidé, dès le fin de l'année 1511, mais à laquelle le Roi de Portugal s'oposait formellement. Dans le but de contrarié cette promotion Don Emmmanuel expédia a Rome, son envoyé spécial, un certain Bertholomeu de Mendonça, qui arrive le 15 Janvier dans la Ville Eternelle» (p. 76). «Rex nom facit cardinales nisi Papa».

João de Faria logo na primeira carta para o Rei, diz que não tinha podido alcançar do Papa o cardinalato para o Infante D. Afonso. A carta é de 8-3-1512 (in «*Corpo Diplomático*», vol. I), tinha o Infante três anos incompletos. Pede também João de Faria o chapéu de cardeal para o Infante D. Luís, que tinha apenas 7 anos, Júlio II recusa. A 4-9-1512 escreve João de Faria a el-Rei a respeito do abuso que havia em o Papa nomear cavaleiros das Ordens de Santiago e de Avis pessoas estranhas a elas e por vezes indignas. Júlio II morre a 21-2-1513. Leão X é eleito a 11-3-1513, mostra-se muito bem disposto com Portugal e com D. Manuel. Parte a embaixada especial (ver texto).

Sua Santidade benze para D. Manuel a Rosa de Ouro a 26-3-1514; a 17-4 comunica o facto aos cardeais. O documento da entrega da Rosa de Ouro tem a data de 17 de Abril.

A 7-6-1514 pela Bula «Dum fidei constantiam» dá aos Reis

de Portugal, a pedido de João de Faria, o padroado das terras e Igrejas do Ultramar, sujeitando-as à Ordem de Cristo. A 30-8 segue carta d'el Rei para João de Faria: «...Doutor Joam de faria, Nós elRey os enviamos muito saudar. Por ajuda de Tristão da Cunha ouvemos cartas vossas e por elle, alem do que tinhamos sabido, soubeemos como nos tendes servido, e com quanta diligensia e cuidado; e como as cousas de noso serviço foram sempre por vós guardadas e feitas. E asy miudamente nos deu disso conta, que teemos recebido diso muyto prazer e grande contentamento de voso serviço. E certo que nunca esperamos menos de vós, e praz-nos muito comresponderdes com vosas obras e serviços e confiança, com que vos enviamos: E por isso sempre teremos de vós e de vosso serviço tal lembrança, como he Rezam.

E porque, asy pello que vimos por vossa carta, como pello que nos falaram de vosa parte sobre vosa vinda o dito Tristam da Cunha e o secretariado nos parece cousa justa virdes descansar a vosa casa; avemos por bem que vos venhaes em boa ora o mais breve que poderdes. E por Dom Miguel que a esa corte enviamos para nella estar por noso embaixador, escrevemos ao Santo Padre como vos mandamos viir... (*Corpo Diplomático*, vol. I).

Em meados de novembro o Cardeal de S. Jorge escreve a D. Manuel dizendo que por sua proposta e dos Cardeais de Aragão e Santiquatro o Papa tinha decidido enviar-lhe a Espada de Honra e o Chapeu Ducal (STOCCO e Barrettone), que o Pontifice tem costume de trazer na noite de Natal e que são consideradas uma marca de distinção suprema. Leão X, na presença dos Cardeais, no dia de S. João, depois de ter especificado sua intenção de dar aquelas insígnias simbólicas ao Rei de Portugal convida João de Faria a aproximar-se do trono, entrega-as e encarrega-o de as levar ao seu soberano. A 30-1-1515 pela Breve «Imitali Vetus institutus» remete-se a El-Rei o chapéu e a espada, do que será portador «dilectum filium Joanen de Faria militar miliciaes Jesu Christi, apud nos et sedem apostolicam orator em magestaties tuae». D. Miguel da Silva, o novo embaixador, deve ter chegado em fins de Janeiro, princípios de Fevereiro de 1515.

Por uma breve de 27-2-1515 o Papa informa D. Manuel da sua intenção de conferir a primeira Sé a vagar em Portugal a seu quarto filho o Infante D. Afonso, de 8 anos de idade, sob

reserva que um outro titular seja nomeado primeiro, no caso de a vaga se produzir antes de o Príncipe ter atingido 27 anos, idade fixada pelo Concílio de Latrão para a colação dos títulos episcopais. Posteriormente, o Papa escreve ao Rei que não obstante disposições em contrário do Concílio e em atenção aos méritos excepcionais adquiridos pelo Rei em relação à Sé Apostólica, lhe confiaria uma Igreja Catedral ou Metropolitana logo que ele tivesse 15 anos. Em 19-1-1516 o Papa informa o Rei da sua decisão de elevar D. Afonso às honras da púrpura no primeiro consistório, reservando-se, todavia, de observar nesta promessa as modalidades requeridas pela honra da Santa Sé (*Le Portugal et le Saint Siège*, vol. III, p. 116). Falecendo D. Pedro, Bispo da Guarda, Leão X atribue a Diocese ao Infante D. Afonso (Breve de 10-9-1516).

No consistório de 1-7-1517 Leão X eleva ao cardinalato D. Afonso com a condição de que ele não revestisse as insígnias antes dos 14 anos. No ano seguinte, em Março, é-lhe enviado o Barrete por D. Manuel de Noronha, Camareiro de Sua Santidade. Assim D. Manuel «qui cinq années auparavant, s'était heurté à la volonté de Jules II qui n'avait pas consenti à revêtir de la pourpre les épaules enfantines de Dom Luiz, alors âgé de dix ans seulement, obtint de la condescendance de Leon X cette dignité suprême pour Don Affonso que n'en avait que sept...» (p. 148). E em nota o autor acrescenta: «L'ambition de Don Emmanuel pour son fils était véritablement insatiable. Don Affonso avait à peine été créé cardinal que le Roi chargeait son Ambassadeur à Rome de faire tout son possible pour lui attribuer le siège archiepiscopal de Tolède» (ver a este propósito a instruções de D. Manuel a D. Miguel da Silva a 4-12-1517). A 1-12-1521 morre Leão X com diferença de poucos dias da morte d'el-Rei D. Manuel, um e outro no apogeu da sua glória.

12-7-1522 seguem instruções ao Dr. João de Faria para pedir a S. S. conceda a El-Rei D. João III a administração da O. de Cristo, como a tivera D. Manuel (*Corpo Diplomático*, II vol.).

Todas estas transcrições do «*Le Portugal et le Saint Siège*», do «*Portugal e o Concílio Tridentino*» do P.^e José de Castro e do «*Corpo Diplomático*» e comentários às mesmas foram feitas, para muito valorizar este trabalho, pelo Embaixador António

Leite de Faria, a quem reconhecidamente agradeço esta prova de amizade.

Não resistindo, continuo a copiar:

«Logo que subiu ao trono, D. João III pensou em casar-se em Castela e mandou os embaixadores Pedro Correia de Atouguia Senhor de Belas e o Dr. João de Faria a pedir ao Imperador Carlos V, e a sua mãe D. Joana, a mão da Infanta D. Catarina» — (*Portugal e o Concílio Tridentino*).

«D. João III não tinha ainda 20 anos quando subiu ao trono. O sucessor de Leão X foi Adriano VI, holandês de Utrech, Arcebispo de Tortosa. antigo preceptor de Carlos V e foi proposto pelo Cardeal Júlio de Médicis, depois de várias etapas estéreis, eleito mesmo quando estava ausente no conclave. Adriano VI encontrava-se em Espanha quando foi eleito. O Rei de Portugal enviou a Tarragona um enviado, Ayres de Sousa, que recebeu do novo Pontífice um acolhimento mt.^o disongeiro, tendo-lhe pedido para transmitir o seu desejo de que o Rei pusesse à sua disposição uma flotilha que o transportasse a Itália. O Rei quis ainda enviar a Roma uma Embaixada de obediência, mas o Embaixador D. Miguel da Silva desiludiu-o, devido ao estado sanitário da Cidade Eterna (peste, etc.). Ao fim de 20 meses de pontificado faleceu Adriano VI em 14-4-1523. Ao conclave, que se abriu em 1-10, o Cardeal Júlio de Medicis foi eleito Papa, com o nome de Clemente VII.

Em 26-3-1525, depois de ter recusado insistentes pedidos de D. João III para a concessão de novas dioceses a seus irmãos D. Afonso e D. Henrique, o primeiro dos quais já era titular dos arcebispados de Lisboa e Évora, por decisão de Adriano VI, Clemente VII benzeu a Rosa de Ouro, que decide enviar ao Rei de Portugal; foi portador António Ribeiro, sacerdote português, originário da diocese de Braga, adido, na qualidade de camerlengo à Câmara Apostólica, muito bem visto nos círculos do Vaticano.

D. João III, numa carta ao Pontífice, mostrava-se m.t.^o reconhecido pela honra recebida. D. Miguel da Silva que como o seu predecessor alcançara em Roma uma situação de prestígio, insiste no desejo já expresso de D. Manuel e regressa a Portugal. Não tarda a receber em recompensa de seus longos e brilhantes serviços o Bispado de Viseu que o Papa não dera ao Infante D. Henrique por este já ser titular de vários mosteiros

e priorados, nomeadamente o de Santa Cruz de Coimbra, apesar de não ter então mais de 11 anos.

Pensa-se que o fim prosseguido por D. João III ao procurar reunir o maior número possível de dioceses nas mãos de seus jovens irmãos D. Afonso e D. Henrique, era, principalmente, de ordem económica. Isto revela claramente uma passagem dum ofício do Embaixador D. Miguel da Silva, no qual este informa o seu soberano das dificuldades que tinha feito o Papa Adriano VI de lhe conceder a faculdade de receber ele próprio os rendimentos dos benefícios de seus irmãos (Mac Swiney)».

APÊNDICE III

«24-1-1542 — Minutas de despacho: Carta de El-Rei para Cristovão de Sousa, seu Embaixador em Roma, mandando-o recolher ao Reino, visto ter sido eleito Cardeal, contra a vontade expressa do Monarca, o Bispo de Viseu D. Miguel da Silva (*Corpo Diplomático Português*, vol. V). Este novo cardeal fora Embaixador em Roma, a seguir a João de Faria nos pontificados de Leão X e Adriano VI e creio que também no de Clemente VII. No regresso a Portugal foi feito Bispo de Viseu. Era muito amigo da Família Farnese e quando o chefe desta família foi eleito Papa, sob o nome de Paulo III, voltou para Roma, chamado pelo Pontífice, e em desacordo com D. João III, que, depois da sua elevação à púrpura, lhe tirou a nacionalidade portuguesa, lhe confiscou os bens e o perseguiu de várias maneiras («*Portugal e o Concílio de Trento*», do P.^e José de Castro).

10-3-1542 — Carta de Cristóvão de Sousa narrando minuciosamente a sua despedida ao Papa e aos cardeais (*Corpo Dip.*).

?-5-1542 — Minuta duma carta de El-Rei (ao Cardeal Siquatro?) recomendando Baltazar de Faria que o Infante D. Henrique mandava a Roma para promover os negócios da Inquisição (*Corpo Dip.*).

27-7-1542 — Carta de Pedro Domenico participando a El-Rei que Baltazar de Faria obtivera duas largas audiências do Pontífice, e mencionando acusações que se faziam ao modo de proceder dos Inquisidores (B. de Faria chegou a Roma a 1-7 — (*Corpo Dip.*)).

1543 — Durante algum tempo esteve D. João III sem embaixador em Roma, valendo-se até do Embaixador de Car-

los V para enviar cartas ao Pontífice. Ao mesmo tempo Baltazar de Faria, Pedro Domenico e Francisco Botelho tratavam dos negócios do monarca junto da Santa Sé e do Papa. Era uma diplomacia algum tanto incompreensível. O tempo foi reduzindo o conflito e em 1543 já Baltazar de Faria praticava os actos de Embaixador ordinário e estava em Roma quando chegou Francisco Botelho sob pretexto de mostrar ao Papa umas cartas em cifra, atribuídas ao Cardeal D. Miguel da Silva, e nas quais se diziam coisas escandalosas de pessoas qualificadas (*Portugal e o Concílio Tridentino*).

13-8-1543 — Carta de El-Rei a Baltazar de Faria dando-se por satisfeito com o seu serviço, em vista das cartas que recebera (*Corpo Dip.*).

18-21-1544 — Carta de Baltazar de Faria a El-Rei a respeito das dificuldades com que lutava para impedir que se passassem breves de isenções de culpas ou de pecados a cristãos novos (Id.).

16-12-1545 — Breve «*Quad semper optarimus*» pelo qual S. S. participa a El-Rei ter criado Cardeal o Infante D. Henrique (Id.).

6-5-1546 — Carta de El-Rei a Baltazar de Faria acerca da mercê de Cardeal feita ao Infante D. Henrique (Id., vol. VI).

?-10-1546 — Carta de Baltazar de Faria a El-Rei avisando-o que o Papa manda o Capelo ao Cardeal Infante D. Henrique por Stefano del Buffalo, enviando-lhe por ele todas as pagas e indultos que tivera o Cardeal D. Afonso (id.).

3-5-1547 — Carta de Baltazar de Faria a el-Rei participando-lhe o que se tinha concluído, a respeito do negócio da Inquisição.

31-5-1547 — Breve «*Cum Serenissimus*» ao Cardeal Infante expondo que tendo concedido a D. João III a Inquisição livre, fiado em que ele só desejava selar a fé e expurgá-la, espera que o Cardeal usará da mesma Inquisição com brandura (id...).

15-7-1547 — Breve «*Romanus Pontifex*» anulando as isenções outorgadas pela Santa Sé aos cristãos novos existentes em Portugal, exceptuando a dos procuradores dos hebreus e seus parentes.

16-7-1547 — Bula «*Mediatis Cordis*» restabelecendo em Portugal os poderes inquisitoriais em todo o seu vigor, revogando as notificações feitas e concedendo ao Inquisidor Geral,

seus sucessores e oficiais, que possam usar plenamente seus cargos (id.).

9-3-1548—Instrução a D. João de Menezes, que veio a Roma como embaixador de El-Rei para tratar do negócio do Concílio (id.).

Durante o período da missão de Baltazar de Faria, em Roma, tanto os embaixadores que o Rei ali enviou, Simão da Silveira e D. João de Menezes, bem como outros agentes diplomáticos ou bispos (como o Bispo do Porto), encarregados pelo Rei de variadas missões, levavam instruções de não darem um passo sem consultarem Baltazar de Faria (*Portugal e o Concílio Tridentino*).

9-3-1548 — Minuta de uma carta de el-Rei a Baltazar de Faria ordenando-lhe que encaminhe e aconselhe D. João de Menezes: «Com o dito B. de F. ey por bem que falleys toda esta materia e a comuniquéis com elle e o dito Doutor vos advertirá do que della souber assy pera vosa informação como pera melhor poderdes fallar nella quando convosco Sua Santidade a pratyca e pella carta que elle levasse lhe escrevo que asy o fará». «E pela confiança que tenho que Dom Joham de Menezes... o envio por meu embaixador a S. S. para particularmente de minha parte lhe falar nesta materia. E porque para sua illustração lhe mando que tudo pratique comvosco nam ha mais que vos dizer. Muyto os encomendo que ho advirtaes largamente em tudo por que possa melhor fallar a S. S. nesta materia e responder ao que lhe nella disser» (*Corpo Diplomático*).

12-6-1548 — Carta de D. João de Menezes a El-Rei pedindo-lhe conceda licença para se retirar de Roma apenas se acabe o negócio a que foi enviado por sua Alteza. «Mas Baltazar de Faria como mais experimentado nestas cousas, e que pelo costume as não estranha tanto e as sabe melhor as escreve mais largamente a Vossa Alteza e tambem porque do mais desta calidade fuy eu avisado por elle; e nisto e em tudo he que se pode servir Vossa Alteza tem m.tº cuidado e o faz com muita diligencia» (id.).

20-9-1549 — Carta de Baltazar de Faria, a El-Rei agradecendo-lhe a mercê que lhe faz da Comenda de Santiago de Ronfe e o hábito de Cristo. A cerimónia de ser armado cavaleiro foi feita pelo próprio pontífice que para isto se ofereceu. — «A carta e despacho de Vossa Alteza para tomar o hábito

de Cristo recebi e dando disso conta a Sua Santidade para que cometesse a quem me ouvesse de dar conforme o que V. Alteza ordenava, me respondeo que folgava m.t^o da lembrança que de mim Vosa Alteza tinha e que quanto ao dar o hábito e tomar a profissam o cometia ao Cardial Camerlengo ou a Farnes qual eu mais quizesse, mas que armarme cavaleiro que ele o queria fazer. Respondi que por nam dar trabalho a S. S. lhe nam quizera pedir esta mercê, mas pois ma queria fazer eu a recebia por mui grande e lhe beijava os pés pello favor. Acharam-se ali presentes o duque Otacio e o duque Oratio os quaes se me ofereceram para se achar no acto: disse-lhes que nam curassem de tomar essa fadiga, porque simpresmente e sem mais cerimonia determinara de receber aquela honra e mercê que S. S. me queria fazer e asy a nove do presente, sem pezar outra mudança somente com meus andar me fui a palacio, e acabada a Missa, S. S. se revestio e fez a insólita cerimônia com muito favor e sem embargo da disimulação que eu nisso quiz ter se acharam todavia presentes os duques e muitos outros prelados e senhores desta corte: ao outro dia recebi o abito por mão do Cardeal Santa Frol e fiz a proficam conforme a regra de que mando estromento autentico como me de lá foi ordenado» (id.).

Por esta crónica de Baltazar de Faria, se vê não só a importância que então era o ser cavaleiro da Ordem de Cristo, mas também a enorme consideração dispensada ao novo representante pelo Pontífice Paulo. Devia ser isto reflexo das boas relações existentes com a corte portuguesa e da pessoal simpatia que lhe inspirava o Dr. Baltazar.

Nós o víamos em contínuas visitas na companhia de D. João de Menezes, ou fora dela, ao Santo Padre sobretudo, nas questões havidas com Carlos V que levaram o Santo Padre, por conselho do Sacro Colégio, a resolvê-lo a suspender o Concílio, como de facto o suspendeu no dia 13 de Setembro. (*Portugal e o Concílio Tridentino*).

18-1-1550 — Cópia de uma carta d'el Rei a Baltazar de Faria recomendando-lhe que fale ao Colégio dos Cardeais, e a cada um destes em particular, recomendando o Cardeal Infante D. Henrique como digno de ser elevado à dignidade pontificia. (*Corpo Diplomático*).

12-2-1550 — Minuta de uma carta de El-Rei a Baltazar de Faria recomendando-lhe que continue a tratar da elevação do

Cardeal Infante a Sumo Pontífice, achando-se por bem servido do que tem feito a tal respeito (id).

Tal candidatura foi uma iniciativa pessoal de Baltazar de Faria, aprovada e depois confirmada pelo Rei, mas quando as instruções deste chegaram a Roma já estava eleito o Papa Júlio III. «Reunidos em congregação os Cardeais, Baltazar de Faria, como os outros chefes de missão, foi cumprimentar o Sacro Colégio em nome de El-Rei e ao mesmo tempo oferecer os serviços do seu soberano para a escolha dum novo Pontífice. Pareceu a Baltazar de Faria que devia apresentar como candidato ao sôlio de S. Pedro o nome do Cardeal D. Henrique, convencido da possibilidade de triunfar, dada a divisão entre os cardeais imperiais e franceses, e também entre os amigos do Cardeal Farnese e com a vantagem de ser parente de Carlos V e do Rei Cristianissimo de França. Claro que não se esquecia de dizer que esta iniciativa era toda sua, pessoalis-sima, sem a menor intromissão de El-Rei D. João III, e certíssimo que este alvitre teria a aprovação das coroas francesa e espanhola se junto delas se dessem os devidos passos.

Para isto escreveu logo a Lourenço Pires de Tavora, Embaixador na Corte do Imperador e a Braz de , que residia na corte de França não se esquecendo de pôr ao facto de tudo o soberano».

D. João III deu depois instruções a Baltazar de Faria, apoiando a sua iniciativa e oficializando, por assim dizer, a candidatura do Cardeal seu irmão e no mesmo sentido escreveu também a Carlos V e ao seu representante em Paris. O apoio encontrado junto do Imperador e do Rei de França não terá sido como de início parecera a Baltazar de Faria. De qualquer modo, quando este recebeu a Carta de D. João III já tinha sido eleito, no dia 8-2-1550, o cardeal João Maria Clorche del Monte que tomou o nome de Julio III.

O Cardeal D. Miguel da Silva tomou parte no conclave e, curiosamente, o seu nome recolheu mais votos do que o Cardeal Infante D. Henrique. Nos 60 escrutínios que se realizaram, o irmão de D. João III recolheu um total de 43 votos, tendo duma vez, em 16-12-1549, chegado a ter 15 votos; o Cardeal D. Miguel da Silva teve um total de 44 votos. (*Portugal e o Concílio de Trento*).

13-2-1550 — Breve de Júlio III, «Nom Dubitamus», dando parte a El-Rei da sua exaltação à cadeira de S. Pedro, assegu-

rando-lhe ao mesmo tempo a sua amizade e benevolência. (*Corpo Diplomático*).

20-6-1550 — Carta d'el Rei a Baltazar de Faria dizendo-lhe que mandando a Roma por seu embaixador o Comendador-Mor da Ordem de Cristo seu sobrinho D. Afonso de Lancastre a fim de cumprimentar o novo Papa, se retirará ele para Portugal, orientando-o, primeiro, nos negócios pendentes; e que querendo recompensar os seus serviços o nomeava seu embaixador desde a chegada do novo embaixador.

«Eu ey por bem que vos venhaes em boa ora depois que lá chegar o comendador mor avendo respecto aos muitos anos que ha que nesa corte me servis, e q soys absente de vosa casa mulher e filhos. E porem porque vosa companhia e enformação assy dos negócios e cousas passadas, como do collocamento dos cardeais e outras pessoas com que o dito comendador mor ha de negoçar lhe sera mais necessario por alguns dias ey por bem que vos detenhaes laa dous meses, depois da sua chegada a essa corte, que parece tempo suficiente para de tudo o deixardes bem enformado. E lembrando-me dos serviços que me tendes dado, em tudo ho que vos encarreguei ey por bem de vos dar nome de meu embaixador, do qual usareis depois do dito comendador mor ser chegado, e por elle vos envyarei huma carta minha para o Sancto Padre para vos haver por meu embaixador. E porque a calidade da pessoa do comendador mor he a que sabeys, e eu o envio com muita confiança que delle tenho, vos encomendo muito e mando que em todas os negócios que elle e vós tratardes com Sua Santidade e com os cardeaes e pessoas que cumprir e for necessário lhe deys sempre *aquelle lugar que he razão, e com elle tenhaes e guardays* em tudo o modo que se lhe deve pela calidade da sua pessoa, e pella conta em que ho tenho; e elle terá convosco ho que he de rezão, e ho que lhe encomendei por vossos serviços. E passados os dois mezes vos despedireys de S. S. e vos vyreys em boa ora. E porem se ao Comendador Mor e ao vosso parecer que cumpre a meu serviço estardes laa mais alguns dias estareys aqueles que a elle e a vos o parecer». (Id.)

13-8-1550 — Carta de El-Rei ao Papa, pedindo que acredite e aija Baltazar de Faria, nomeado em atencão aos seus serviços, seu Embaixador junto de Sua Santidade, afim dele e do Comendador-Mor tratarem dos negócios de Sua Alteza.

«Eu mando dar conta a Vossa Santidade pelo Comendador

mor meu muito amado sobrinho meu embaixador dalgumas cousas minhas asy dese he resão que eu faça tendo a Vosa Santidade tam grande aver, como lhe tenho e sendolhe em tudo tão obediente e verdadeiro filho como lhe sou. E da muyta confiança que tenho do doutor Balthesar de Faria meu embaixador e pela longa experiencia que tem dos meos negócios que nesa corte de Vosa Santidade tem tratado e ora se tratam quis que juntamente com o dito comendador mor elle os tratasse e comunicasse com Vossa Santidade. Pego muito por mercê a Vossa Santidade que o queira receber e dar credito como meo embaixador e que receberey de Vossa Santidade em muy singular mercê (id.).

25-8-1550 — Bula «Regionini universalis» concedendo a El-Rei durante a sua vida a administração dos mestrados das ordens de Santiago a qual poderá ter juntamente com a de Cristo (id.).

2-9-1550 — Carta de Baltazar de Faria a El-Rei, dizendo-lhe que S. S. concedeu livremente a Sua Alteza os mestrados de Santiago e Aviz, atendendo razões que aponta, bem como que a bula competente se passou pela Secretaria e sem composição. Pede-lhe que escreva cartas de agradecimento ao Papa, ao Cardeal Crescêncio e ao Datário e que mande algum presente valioso ao Cardeal de Monte.

«Comecei pelas razões que me Vosa Alteza em sua carta diz e outras que se me ofereceram a preposito, procurando sempre fazer-me muy chão, e que pedir-se esta provisão a S. S. era mais maneira de obediencia que de aver diso necessidade porque se vosa Alteza quizesse sem mandar a Roma, podia facilmente ser eleito pelos cavaleiros deputados para iso por privilegio da Ordem; sem niso aver dificuldade nenhuma: e por aqui comecei a discorrer dizendo as grandes alterações que em tempos passados socederam asi em Portugal como em Castela, por estes mestrados estarem fora da Coroa Real, e que por esta causa em cortes por vezes fora pedido que nam andassem fora dela como cousa tam importante a boa governasam do reino quieta e pacificagem dele, e que por esta mesma rezam lhe fora dado a Vosa Alteza por Adriano a administram do Mestrado de Cristo.

Aqui dise o Papa que se tinha o de Cristo como podia ter estes dous: mais respondi que asi como o mestre sendo filho bastardo del Rey Dom Joham tinha dous por dispensasam

apostolica, que não era inconveniente ter Vosa Alteza trez, e que o exemplo estava craro no emperador que tinha os mesmos trez em efeito, de Santiago, Calatrava e Alcantara: perguntou se se lhe podiam conferir sendo casado: disse-lhe que si porque os privilegios dambas estas ordens e tambem o de Cristos dispensavam que pudessem casar. perguntou que quanto rendiam disse que eu o nam sabia em certo, mas que nam era tanta a renda quanto a importancia da jurisdicam vasalos e comendas que podia dar.»

Depois doutros argumentos apresentados pelo Embaixador «Sua Santidade tomou a mão fazendo hum largo discurso dos merecimentos de Vosa Alteza polo qual respeito nam podia deixar de lhe conceder todas as graças que fossem possivel conceder-lhe e que nam queria usar comigo mercantilmente, nem pedir beneficios nem pensoes, e que me fazia a graça livremente fizese mui boa prol a Vosa Alteza: beije-lhe o pee pela mercê, dizendo que bem a empregava com muitas palavras de cortesia e agradecimento e pelo mais penhores lhe dise que tanto que dali me partisse despacharia logo a Vosa Alteza hum correo pollo qual lhe referiria as mesmas palavras que me disera, e estima que mostrava em suas cousas».

Baltazar de Faria relata depois os passos que deu para que a paga de S. S. fosse gratuita. Voltou a falar com o Papa «e assy a XXVI do passado que foi o mesmo dia em que o Papa asinou a supricagem, me fui a elle depois de a ter assinada, com achaque de lhe tornar a dar diso agradecimentos, e lhe dise que pera esta paga ser em tudo comprida me fizesse merce mandar pasar a bula por secretaria e sem composicam, porque em outra maneira me faria pagar gram soma de dinheiro, o qual seria melhor para as necessidades de Africa e outras mui urgentes que cada dia a vosa Alteza se ofereciam: respondeu-me com rosto mui alegre, voltandose aos Cardeaes de Crecemsis e Jaem que comeram com ele, nam vos dise eu que me vinha dar as graças da sopricagem que oje se assinou... quanto a composicam me apraz que seja gratis, mas avendose de se pedir por camcelaria fasia perjuizo aos officiaes: repriquei que vindo por Secretaria nam tocavam aos officiaes da camcelaria interesse algum: dise que era contente e logo cometeo a Crecemsis que me espedisse a bula por secretaria, e sem composicam, e tras isto me dise outras mil palavras boas e porque nam entrava a comer com ele: respondi que eu levava mui bom jantar e lhe

tornei a beijar o pe, porque na verdade foi merce muito notavel, e doutra maneira ouvera de se despende muito dinheiro».

Baltazar de Faria conclue: «Seria de parecer que Vosa Alteza mandasse os agradecimentos a Sua Santidade Crecensis e Datario que tambem nisto serviu, e algua joia a este cardeal de Monte, a que o Papa ama mais que a si mesmo e por este respeito o emperador os dias passados lhe deu mil ducados de pensam e depois daqui a alguns dias mandar-lhe pedir lhe confirme e encorpore este três mestrados na coroa pelas razões que pera iso ha, na que espero nam haverá dificuldade, a que nela , e nisto como em cousa muito importante, e que agora a ocasião, a preposito, mandaria fazer instancia, e seria boa empresa para o Comendador acabar... e posto que pareça que basta estar da maneira que esta, porque como Crecensis dizia sairia mais a Coroa, todavia encorporados parece estarem mais seguros. Vossa Alteza cuidara nisso e para o que mais for seu serviço» (id.).

7-2-1551 — Os Embaixadores D. Afonso de Lancastre e Baltazar de Faria prestaram a sua obediencia ao Pontifice, com vestimentas de grande riqueza, minuciosamente descritas na «*História Genealógica da Casa Real*». Foram introduzidos no consistório onde o Papa se encontrava com os Cardeaes. Levados pelos mestres de cerimónias fizeram deante do Pontífice as genuflexões de uso, leram as cartas credenciais, depois de que Baltazar de Faria, tomando a palavra, pronunciou um discurso em latim no qual exprimiu a satisfação que tinha causado ao Rei a elevação de Sua Santidade à tiara e lembrou a devoção tradicional dos monarcas portugueses para com a Sé Apostólica. Na sua resposta Júlio III, evocou os serviços insignes prestados pela Nação portuguesa à causa da Religião fazendo em termos flatosos os maiores elogios à memória de D. Manuel do qual afirmou que o Rei seu filho seguia nobremente o exemplo (Mac Swiney).

S/D — Minuta duma carta de El-Rei para o Comendador-Mor com respeito à anexação dos mestrados das Ordens de Cristo, Santiago e Aviz (*Corpo Diplomático*).

1-4-1551 — Breve «Cum nos causa» concedendo ao Príncipe D. João a Rosa de Ouro que lhe envia por Baltazar de Faria, que volta ao Reino (id.).

O Príncipe não tinha ainda 14 anos completos, e no

regresso Baltazar de Faria foi chamado a fazer parte do Conselho do Rei e nomeado Desembargador do Paço (Mac Swiney).

Em 1551 ainda D. João III dava instruções a seu embaixador no sentido de conseguir que o Pontífice afastasse o Cardeal de Viseu de qualquer intervenção nos negócios de Portugal, declarava não consentir que o Núncio ou qualquer outra pessoa, lhe falasse em D. Miguel da Silva e recomendava a seu Embaixador, que lhe não falasse e m.t.^o menos o servisse, exceptuando algum cumprimento de cortesia, na presença do Papa, por deferência que a este era devida (*Portugal e o Concílio de Trento*).

17-10-1551 — Carta de El-Rei ao Papa agradecendo-lhe a Bula da União dos Mestrados à Coroa (*Corpo Diplomático*).

30-12-1551 — Bula «Preclara charissimi», concedendo a D. João III e a todos os seus sucessores a administração dos Mestrados de Santiago e de Aviz, sendo-lhe já concedidos os da Ordem de Cristo (id.).

Em 1553 o Papa Júlio III dirigiu um breve ao Rei de Portugal pedindo benevolência para D. Miguel da Silva, não pela ambição que o cardeal tivesse em recuperar comodidades ou benesses, que pouco apreciaria no estado valetudinário e na adiantada idade em que se encontrava, mas pelo desejo de passar em paz e nas boas graças do Rei os últimos tempos de vida. O Papa dava testemunho da lealdade e zelo com que D. Miguel da Silva procurava servir o Rei e o Reino. O embaixador informava no sentido do perdão, dizendo que D. Miguel da Silva estava sem influência em Roma, velho e coxo, de tal modo que se ia a um consistório faltava a vinte. «A nada se comovia o empedernido coração de D. João III; só em março do ano seguinte enviou ao Pontífice, por intermédio do embaixador, a resposta ao Breve». «Depois da sua vinda secreta para Roma, chamado por Paulo III contra a vontade de D. João III, D. Miguel deixou de receber os rendimentos do seu bispado. Segundo o P.^o Castro, Roma nomeou o Cardeal Farnese para administrador da diocese, da qual passava a receber as rendas que, tudo leva a crer, passariam depois para as mãos do Cardeal D. Miguel».

26-11-1563 — Baltazar de Faria merece de Pio IV um Breve em seu favor dirigido ao Cardeal D. Henrique: «Já estimamos Baltazar de Faria mt.^o antes de ser Papa. Já naquele tempo, quando acima de tudo era obediente, zeloso e devotado

a nós e a esta Santa Sé e quando como representante d'el Rei provara a sua maior virtude, a sua industria e a sua habilitade». Neste breve «Balthasarum de Faria», cita-se seu genro e parente, Sancho de Faria, e seus netos. Encontra-se no Arq. Secreto do Vaticano, Arm. 44, vol. II, p. 171 (P.^o José de Castro, vol. III).